

Pedro Paulo Reis Brasão

**OS HABITANTES: O CINEMA E O
PROBLEMA ESPIRITUAL DOS TEMPOS
CONTEMPORÂNEOS.**

30 de Julho de 2021

Pedro Paulo Reis Brasão

OS HABITANTES: O CINEMA E O PROBLEMA ESPIRITUAL DOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS.

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Realização de Cinema e Televisão, realizado sob a orientação científica do Dr. Nelson Araújo, e coorientação de Luís Vieira Campos.

Declaração

Declaro que este Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Pedro Paulo Reis Brazão

Porto, 29 de julho de 2021

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

[Assinatura]

Porto, 29 de Julho de 2021

AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação de final de curso, não seria possível sem o apoio de vários indivíduos. Assim sendo, pretendo agradecer a todos os que sempre me apoiaram e contribuíram direta ou indiretamente, para a realização desta etapa final do meu mestrado de Realização em Cinema e Televisão.

Deste modo, tenho a agradecer:

À minha família, pois tudo isto foi possível graças aos esforços, sacrifícios e dedicação que sempre tiveram.

Aos meus orientadores, Néelson Araújo e Luis Vieira Campos, pela paciência, disponibilidade e compreensão, tendo apoiado o desenrolar do meu trabalho, manifestando sempre as suas opiniões enriquecedoras para o crescimento deste projeto final e para a evolução da minha formação.

Aos intervenientes na produção do meu documentário, pois foram as suas experiências de vida e os seus depoimentos que trouxeram a riqueza e o conteúdo que procurava para o filme.

A todos os docentes e auxiliares da ESAP, que contribuíram para a minha formação ao longo deste mestrado, por todas as conversas, dedicação e contributo para o meu crescimento pessoal e artístico.

Por fim aos meus amigos que, também como a família, se mostraram sempre curiosos quanto ao desenvolvimento da minha dissertação e que estiveram sempre disponíveis para ajudar-me com as minhas dúvidas.

A todos, muito obrigado!

RESUMO

Os Habitantes: O Cinema e o Problema Espiritual dos Tempos Contemporâneos.

Pedro Paulo Reis Brasão

PALAVRAS-CHAVE: Catolicismo, A morte de Deus, Religião Individual

RESUMO

Os Habitantes: O Cinema e o Problema Espiritual dos Tempos Contemporâneos, é o nome da componente escrita e teórica deste projeto, sendo "*Os Habitantes*" o nome do filme que realizei para a obtenção do grau de mestre.

A sociedade enfrenta hoje um grande problema de natureza espiritual, Nietzsche falava da morte de Deus no séc. XVIII, mas hoje em dia com uma maior liberdade de expressão, de pensamento, e com um nível de educação maior a população continuou a questionar os dogmas religiosos, instituídos previamente pela religião majoritária em Portugal, o catolicismo.

Por um lado, o afastamento das pessoas destas estruturas, pré-concebidas, concedeu-lhes uma visão mais abrangente da vida, no entanto ao renegar estes valores, também as mesmas ficaram mais expostas às crises existenciais, e é no surgir destas crises que os indivíduos começam a comunicar consigo próprios e a se reaproximar do seu espírito, criando assim uma religião individual.

O processo até atingir esta individualidade espiritual, nem sempre é clara, é aqui onde se nota a necessidade de um guia espiritual, recorrendo às obras de Friedrich Nietzsche e às palavras do Padre Tolentino Mendonça, apresento várias soluções, como o Amor Fati, a Recorrência Eterna e a ideia de saber habitar uma pergunta.

Por fim, falo do processo de desenvolvimento, por detrás do meu filme "*Os Habitantes*", desde a pré-produção até a pós-produção.

Objetivo do Trabalho de Projeto

Para este projeto, tenho como objetivo fazer um ponto da situação no que toca ao estado da fé da sociedade portuguesa, e iniciar uma discussão sobre o sentido da nossa existência e de como nós, seres humanos, tentamos atribuir algum significado à mesma através da religião.

Quero mostrar a importância que a espiritualidade tem para o nosso normal funcionamento e desenvolver um documentário que tenha em mente não só a crise espiritual dos tempos modernos, como também a necessidade de uma solução individual.

Índice

Introdução	9
Temática e Problema de Investigação	9
Delimitação da Abordagem e Argumentação: tempo e espaço	10
Questões de Investigação.....	12
Questões do Trabalho Téorico	12
Questões do trabalho Prático	12
Objectivos do Trabalho	12
Estrutura do Trabalho	12
Os Problemas do Conservadorismo da Igreja Católica.....	14
Importância da Religião	14
Contexto Histórico e o Problema do Centralismo Católico	15
O Problema da Moralidade Católica	17
O problema de uma instituição conservadora	19
A Crise Espiritual dos Tempos Modernos e a Procura por Novas Espiritualidades.....	21
O que é a espiritualidade?	21
A procura por novas espiritualidades	21
A crise Espiritual dos Tempos Modernos	24
Propostas de Nietzsche e Tolentino Mendonça à superação da crise Espiritual	27
Proposta de Friedrich Nietzsche.....	27
Proposta de Padre Tolentino Mendonça	32
O Cinema e a Religião	35
Pré-Produção do filme “Os Habitantes”	39
Inspiração para o tema?	39
Como seria estruturado o filme?	40
Porque que o filme se chama “Os Habitantes”?	42
Processo de Produção do filme “Os Habitantes”	43
Memoria Descritiva das Entrevistas	43
Ana Bela e Susana Brasão	43
João e Francisco Fernandes	44
Entrevista a José Cabeda	45
Filmagens Abstractas.....	47
Filmagens em Viana do Castelo	48
Colecção e Selecção de Videos Amadores	49
Pós-Produção	50
1ª Versão	50
2ª Versão	51
3ª Versão	51
4ª Versão	52
5ª Versão	53
6ª Versão	53
Resultados e Discussão	55
Conclusão	57
Bibliografia.....	58
Anexos	60

1. Introdução

1.1 Temática e Problema de Investigação

Os Habitantes: O cinema e o Problema Espiritual dos tempos Contemporâneos, consiste num projeto sobre a fé em algo maior, na importância da saúde espiritual para o ser humano, e no papel que esta tem em ajudar-nos a ter um propósito na vida.

É um projeto que identifica problemas na religião majoritária em Portugal, (O catolicismo) e na sua incapacidade para evoluir com os tempos, e adaptar-se a um novo paradigma de mentalidades que explodiram após o 25 de Abril, e cuja velocidade intensificou-se com o advento da internet e de um mundo cada vez mais globalizado e conectado.

Este projeto, descreve o vazio que este problema deixou nas pessoas, (sobretudo nas mais jovens), que cresceram no meio católico, mas que agora ao terem mais educação questionam os valores e a instituição, o que os leva a procurar novas respostas.

Essas respostas podem tomar a forma de novas espiritualidades, que preenchem esse vazio, que pode ser comparado à falta de pertença a algo.

No entanto, aqueles que não encontram um novo caminho, entram num ciclo de procura por significado e identidade, perdendo-se assim na enormidade que é o Universo, problema esse que pode causar danos psicológicos para o indivíduo, especialmente no que toca ao animo individual.

Nietzsche na sua infame frase "*God is dead, God remains dead and we have killed him*" e segundo a minha interpretação, este morreu, devido a não ter espaço nas nossas vidas, pois o seu papel está reduzido, e em vez de haver uma resposta da igreja católica, esta acaba por estar demasiado dentro da sua zona de conforto, incapaz de acompanhar as novas tendências.

E por isso alguns membros da população portuguesa, acabam por dar o seu próprio significado à sua razão de existir, de continuar, e de conseguir ter um propósito para viver.

Num mundo onde as respostas são poucas e as perguntas são muitas, Nietzsche é um nome que me acompanhou durante todo o processo, e o filme: *O cavalo de Turim* (2011) de Béla Tarr, foi importante na minha decisão de escrever esta dissertação, e realizar o meu projeto fílmico.

Pois o final de vida de Nietzsche, que é explorado no filme, é uma situação que pode alastrar-se ou intensificar-se na população, caso não haja mais estudos sobre estes assuntos.

Na minha opinião, a religião tem de ser reinterpretada para um novo século, de forma a acompanhar os desenvolvimentos científicos, culturais e sociais em vez de entrar em confronto com os mesmos. Esta deve continuar o seu papel na atribuição de um propósito na vida da população, apresentando uma nova interpretação da religião, com características mais pragmáticas e individuais, para auxiliar o ser humano nestes novos desafios.

Para este conceito, foi instrumental a leitura e observação às obras e entrevistas, do Padre Tolentino Mendonça, Poeta e Teólogo que atualmente, é Arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano, Bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana, na Cúria Romana, e que foi elevado a Cardeal pelo Papa Francisco durante o Consistório Ordinário Público de 2019.

Aquilo que é único nesta dissertação, são as minhas descobertas em torno da espiritualidade, e da individualidade religiosa, utilizando o método de filme, mais especificamente de entrevistas para a obtenção de respostas.

Desta forma, achei justo entrevistar pessoas de várias idades, que fossem próximas a mim de forma a facilitar as gravações em contexto de pandemia. Como mencionado anteriormente, para a realização destas entrevistas inspirei-me em Nietzsche, e as perguntas que coloquei aos meus entrevistados, visam isso mesmo.

Para além de Nietzsche, também pesquisei e observei entrevistas sobre o Padre Tolentino Mendonça, autor que também tenciono discutir mais a frente, uma vez que as suas opiniões como membro da igreja, no que toca aos desafios que esta enfrenta, são relevantes ao meu projeto.

De forma a credibilizar mais este documento, também decidi incluir algumas informações relativamente ao que o psicólogo Karl Jung escreveu, no que toca à revolução industrial e de como este previu uma deterioração do ânimo do indivíduo. Assim, esta dissertação será dividida em 2 partes distintas, a primeira visando a pesquisa sobre estes temas, e uma segunda parte, que incorpora de forma escrita o processo de desenvolvimento do documentário “Os Habitantes”.

1.2 Delimitação da Abordagem e Argumentação: Tempo e Espaço

Devido à minha família, cresci num meio católico, fui batizado segundo o catolicismo e tive catequese até uma certa idade. Mais tarde acabei por sair sem fazer o crisma, pessoalmente nunca gostei muito da catequese, e naquela idade não me pareceu transmitir nenhum valor importante, pareceu-me mais uma repetição dos valores morais que já ouvia em casa.

Podemos dizer que os meus familiares Pais e Avós, esses sim, levaram a religião durante uma altura das suas vidas mais a sério.

Por outro lado, a escola, que entre muitas matérias, ensinou-me algo muito importante, a habilidade de não ter receios em ter dúvidas, já Sócrates dizia “Só sei que nada sei”, esta natureza inquisitiva foi o que me levou, e ao que penso também ter levado muitos outros da minha idade, a fazer perguntas, não só perguntas ao próximo, neste caso, a um professor, mas a si próprio.

É aqui que nenhuma instituição, nem a escola nem a catequese, consegue estar presente ou a par, pois a variabilidade da situação depende muito do indivíduo, e vai buscar à psicologia, ao ambiente em que a pessoa se insere e a uma miríade de situações, daí ter decidido desde muito cedo focar-me num grupo pequeno e próximo de pessoas a quem eu quis fazer entrevistas, uma vez que conheço melhor qual foi o seu percurso.

Já as pessoas mais idosas que não tiveram acesso à educação de hoje em dia, acreditam mais veemente na religião católica e não têm a ideia de questionar, acabando de certa forma por se estagnar. A resposta para eles está na fé e no amor que têm pelo catolicismo, e como autor não me identifico neste espectro.

No entanto, até eu tenho de admitir que esta forma de pensar, acaba por fazer com que estas pessoas não passem tanto por crises de identidade ou de falta de pertença.

É para mim importante respeitar estas crenças, o que pretendo obter é um relato real destas pessoas que acreditam, e não as induzir a acreditarem noutra coisa, embora presumo que isso seria mais difícil tendo em conta a idade destas pessoas, e ao facto desta crença já estar entranhada há muitos anos.

Foi esta exposição de amigos e familiares nas minhas entrevistas que me fizeram pensar em individualismo religioso. Podendo este surgir em diferentes formas, católicos que o são por nome, mas apontam críticas à instituição e acreditam em algo que não se insere a cem por cento dentro das doutrinas católicas, ou então, de pôr o catolicismo de parte, e criar em si, um sistema que o substitua e que por conseguinte não tem um nome que o identifica, mas que de certo não se encaixa em ateísmo, pois acredita em algo maior continua.

Em certos casos, observo algo Nietzscheano, que na sua maturação de ideias ateístas, levaram-no a ter uma epifania, e a isolar-se de um mundo que para ele não tinha significado, é importante perceber como pessoas jovens podem seguir por este processo e vir a sofrer do mesmo.

É igualmente importante estudar este efeito, como aluno de cinema não poderei exercer o papel de psicólogo, mas posso como aluno de cinema construir uma narrativa que motive as pessoas a questionar-se a investigar mais sobre este assunto.

Tenho então como objetivo nesta dissertação de motivar, animar, e inspirar os

meus leitores para que sejam eles, nos seus ramos de estudos, a encontrar respostas mais concretas e acima de tudo individuais.

O que eu pretendo com este projeto é dar uma base para que estes assuntos voltem a ser falados mais frequentemente por aqueles que vão ler esta dissertação, como também aprofundar o meu conhecimento pessoal e profissional nesta área que é a teologia, filosofia e na área do cinema.

1.3 Questões de Investigação

1.3.1. Questões do Trabalho Teórico

- 1) Como é que alguns dos problemas da instituição Católica Romana afastam os não crentes?
- 2) Qual a causa da procura por Individualidade Espiritual e pela crise Espiritual dos dias de hoje?

1.3.2. Questões do Trabalho Prático

- 1) Como fazer um filme documental sobre esta questão espiritual?
- 2) Como contornar os desafios da produção no atual contexto da pandemia COVID-19?
- 3) Como me sinto com o resultado final do projeto?

1.4 Objetivos do Trabalho

- 1) Fazer um resumo do panorama espiritual que temos hoje.
- 2) Mostrar a importância do espírito para o ser humano.
- 3) Desenvolver um filme que tenha em mente a crise Espiritual dos tempos modernos e a necessidade de uma solução individual e não institucional.

1.5 Estrutura do Trabalho

O presente texto de investigação está estruturado de forma a ir de encontro aos requisitos das normas dos trabalhos científicos apresentados no regulamento académico da ESAP.

O Capítulo 2, foca-se no desenvolvimento da problemática da instituição católica, e de como o seu conservadorismo afasta os não crentes. Serão discutidos os vários problemas da religião católica, maioritária no nosso país, e tentar responder à primeira pergunta que escrevi nos pontos anteriores, que se focam em identificar problemas na religião cristã católica.

O Capítulo 3, apresenta uma discussão sobre a crise espiritual dos nossos tempos,

da procura por novas espiritualidades e como Friedrich Nietzsche e o Padre Tolentino Mendonça em suas respectivas obras, apresentam-nos algumas soluções, ou formas de pensar para ultrapassar estes problemas.

O Capítulo 4, serve como ligação entre a indústria do cinema e a produção de filmes com carácter narrativo baseado nas histórias bíblicas e de como estes foram-se alterando com o passar do tempo, mais especificamente com o avanço da cultura e da sociedade ocidental.

Ao terminar esta primeira parte do meu projeto que se foca na teoria, passo para uma segunda parte que me permitira falar nas abordagens que tive no trabalho pratico.

No Capítulo 5, começo por desenvolver, como foi feita a abordagem ao planeamento do filme, ou seja, a pré-produção e de como esta foi diferente das pré-produções mais comuns utilizadas no cinema.

O Capítulo 6, aborda as metodologias das entrevistas fazendo uma memoria descritiva para cada uma, explicando os motivos metodológicos que utilizei, e as técnicas a nível cinematográfico que decidi implementar.

Já o Capítulo 7, descreve a evolução do projeto durante a fase de pós-produção, e das diferenças entre as várias versões do filme, para além disto, menciono as ideias que tive para resolver os problemas que surgiram à medida que esta fase procedeu.

Por fim, no Capítulo 8 é apresentada uma discussão sobre os resultados obtidos, onde vão ser evidenciadas os meus descobrimentos face ao tema e face as soluções que eu apresento e as implicações que podem ter no nosso dia a dia. Vou também referir as limitações causadas em grande parte pela pandemia COVID-19 entre outras e propor desafios para investigações futuras.

2. Os Problemas do Conservadorismo da Igreja Católica.

2.1 Importância da Religião

O que leva as pessoas a seguirem uma religião?

Podem surgir várias respostas a esta pergunta, mas normalmente os grupos de pessoas que mais depressa se expõe a este conteúdo, são grupos que lidam com um *stress* de vida mais elevado.

Por exemplo, após lidar com doenças, ou a perda de pessoas próximas, bem como desastres naturais, divórcios, ou até mesmo dificuldades ao nível da limitação de recursos, como a água, comida e também por razões financeiras, ou seja, problemas que o indivíduo não pode controlar pois estão fora das suas capacidades.

É aqui que entra a religião, para oferecer métodos e respostas para lidar com estas situações, estes rituais variam dependentemente da religião e podem ser danças, ofertas, promessas e até mesmo peregrinações, em casos extremos é mesmo possível haver automutilação.

Para o indivíduo religioso que muitas vezes vê os acontecimentos como um sinal de algo superior, ao executar estas ações institucionalizadas, ele pretende atingir o perdão ou apaziguar a raiva que esta entidade tem sobre ele.

É importante também advertir que a religião ajuda nestes problemas, mas a partir do momento em que estas práticas não resultam em algo positivo para o indivíduo, este pode começar a perder fé, e a partir desse ponto ter um problema muito mais elevado a nível do ânimo.

Podemos então dizer que a religião pode ter um papel muito importante no consciente de uma pessoa, e ter uma maior sensação de pertença comunitária, de propósito e significado, de encorajar as pessoas a terem estilos de vidas mais saudáveis, mas também o pode piorar rapidamente a partir do momento onde a fé começa a falhar.

E é justamente nesta fase que a nossa sociedade se encontra, por um lado a nossa religião falha em acompanhar os mais recentes desenvolvimentos culturais e sociais, por outro temos jovens a procurar respostas, e a questionarem-se a nível individual, mas que a nível espiritual estão pouco desenvolvidos. Acabando por não se sentirem parte da comunidade religiosa, podendo ter mais suscetibilidade a crises existencialistas e niilistas.

2.2 Contexto Histórico e o Problema do Centralismo Católico

Antes de conseguir desenvolver esta questão do problema do conservadorismo do catolicismo, tenho antes de dar algum contexto histórico desta instituição bem como o estatuto atual desta em Portugal.

Cerca de 1 bilhão de pessoas se identifica com o Cristianismo, e no nosso país, com uma população de 10 milhões de habitantes, cerca de 77% se identifica como cristão-católico, o que equivale a cerca de 7.8 milhões de pessoas. - Central Office of Church Statistics, 2014 "Annuarium Statisticum Ecclesiae (ed. trilingue)"

Depois da revolução do 25 de Abril esta instituição foi perdendo algum do seu poder influenciador, mas a cultura religiosa permaneceu entranhada, e de forma geracional, cultural, a população continuou a receber sempre alguma influência desta religião.

Mas não há dúvidas que agora que o estado passou a ser laico, notou-se uma diminuição relevante no poderio desta instituição, para além disso, num estado laico como o nosso é essencial proteger a liberdade de cada cidadão, independentemente da sua religião ou crença, e impedir a interferência de assuntos religiosos em temas estatais.

O catolicismo tem um traço centralizado, e possui uma estrutura hierárquica rígida, primeiro temos as paróquias, depois as dioceses e as arquidioceses, estas seguem a visão que provém do Vaticano, que age como o órgão central da igreja liderado por um pontífice máximo ou Papa. O resto da comunidade cristã, ou seja os bispos, arcebispos e cardeais estão sob a sua autoridade.

O Grande Cisma do Ocidente foi um evento que causou a separação da igreja em duas, sendo estas a Católica Romana e a Católica Ortodoxa, sendo esta última sediada em Constantinopla (na atual Istambul), isto a partir do ano de 1054, e os motivos que levaram isto a acontecer foram:

- 1) A separação administrativa do Império Romano entre o Ocidental e o Oriental, que contribuiu para um distanciamento dentro da instituição.
- 2) As invasões por parte dos bárbaros na zona Ocidental do Império o que resultou em uma influência germânica nesta parte do Império ao contrário da zona Oriental do Império que ainda respeitava as tradições.
- 3) Os Papas Romanos começaram a apoiar o Sacro Império Romano em detrimento do Império Bizantino.

- 4) Havia também discórdias doutrinárias sobre a autoridade do Papa sobretudo no que toca ao Cesar papismo Bizantino, ou seja, à atribuição de competências geralmente atribuídas ao Pontífice Máximo a um chefe de estado.

Ao longo da história houve mais separações devido a discórdias semelhantes e de natureza doutrinária, dando por exemplo, origem ao Protestantismo, por sua vez este pode ser dividido em três outras instituições, que têm poucas divergências entre elas, estas são o Luteranismo, o Calvinismo e finalmente o Anglicanismo.

Para além deste facto, com o advento das ideias iluministas e as revoluções liberais do séc. XVIII e XIX a igreja perdeu poder no que toca a sua intervenção em questões políticas, pois a instalação de um estado laico nas grandes potências da Europa, favoreceu a restrição de atividades do campo religioso, por outro lado o Comunismo estabeleceu outro confronto ideológico ao criticar e refutar qualquer prática religiosa.

Nos dias de hoje esta estrutura na Igreja Católica Romana mantém-se e continua a ser muito rígida, embora o Papa Francisco tenha dado passos em frente para tornar esta instituição mais flexível, ela ainda continua a ter muita oposição a mudanças e é isto que em parte contribui para o seu declínio.

Num estudo feito por duas Universidades Católicas da Europa (St. Mary e Institut Catholique de Paris), 42% dos jovens entre os 16 e os 29 anos não se identifica com nenhuma religião pelo menos em Portugal. – Bullivant, S. “Os Jovens adultos Europeus e a Religião” (2018)

Até os Bispos Portugueses olham para estes números e culpam a instituição, um destes é o porta-voz da Conferência Episcopal Portuguesa, o padre Manuel Barbosa numa entrevista feita ao Observador ele diz o seguinte “Sabemos que a confiança nas instituições vai sofrendo alterações à medida que a mentalidade sociocultural se vai reconfigurando. Os jovens não deixaram somente de se identificar com a religião, mas sim com muitas outras instituições, veja-se a confiança depositada no sistema educativo, na imprensa, no sistema judicial, etc., onde os jovens não se revêm, à imagem do passado” o mesmo realça que “(...) há uma desvinculação do religioso institucional, que se traduz na menor adesão à prática religiosa assídua” – Padre Manuel Barbosa, 2018 “42% dos jovens adultos portugueses dizem que não são religiosos”, Observador. (21\03\2018).

Ou seja, este Sacerdote considera que a figura de Deus continua a ser predominante nos jovens, mas de uma forma mais intimista e pessoal e não institucional.

Uma das soluções da igreja seria o confessionário, um espaço onde as pessoas podem falar à vontade, mas infelizmente o ato de se confessar não é nos dias de hoje algo que resolva este problema, pois esta já marcado por todo um ambiente ritualista e antigo. Os padres acabam sempre por receitar os valores enraizados pelos dez mandamentos e os sete pecados capitais, podem existir exceções, mas é um problema generalizado e essas exceções não estariam a cumprir as ordens do órgão central.

A confissão em si é um processo para falar de pecados e pedir o perdão a Deus mas não de guia espiritual, os jovens e os não crentes não vão entrar numa instituição a qual não se sentem inseridos, e muito menos vão pedir o perdão de um Deus que não é o deles, isto aliado ao já mencionado centralismo desta instituição é um problema, pois impossibilita as paróquias que estão em sítios do país diferentes, ou mesmo em países diferentes com contextos sociais diferentes, de se adaptarem melhor ao espaço que estão inseridas.

O que automaticamente cria um distanciamento, é necessário haver mais autonomia a nível local para que este órgão possa desempenhar um melhor trabalho, ou seja em vez de haver um grupo seletivo de pessoas responsáveis por escolher os próximos anos da igreja, porque não haver uma votação mais universal, uma colegialidade?

2.3 O Problema da Moralidade Católica

O catolicismo integra a existência de um Deus único verdadeiro e que integra a Santíssima Trindade, sendo esta constituída por Deus, pelo seu filho Jesus, e o Espírito Santo, além disso o catolicismo defende que após a morte, a vida continua no céu, no inferno, ou purgatório sendo estes diferentes um do outro e dependem das ações do crente enquanto este é vivo. Muito resumidamente se seguirem os códigos morais da igreja estes crentes vão para o céu e caso façam o contrário são julgados no purgatório e enviados para o inferno.

O que constitui um problema para o não crente que passa justamente pelo compasso moral que a igreja transmite, para elaborar isto melhor tenho de falar dos sete pecados capitais e os dez mandamentos. Portanto, os dez mandamentos são um conjunto de regras que são como guias de comportamento correto para o crente atingir a salvação, e são a base moral para não só o Cristianismo mas

também o Islão e o Judaísmo, e segundo os ensinamentos do catecismo católico eles são considerados essenciais para o desenvolvimento espiritual daqueles que veneram Deus, já os sete pecados capitais funcionam de forma semelhante mas como uma espécie de guia para o que o crente não deve fazer e não deve pensar, pois isto encaminha-o para o caminho do mal, e na sua vida póstuma que este seja redirigido para o inferno.

Estes valores enraizados na sociedade portuguesa pelo Catolicismo nada fazem para que o indivíduo se confronte a si mesmo, basicamente todos se julgam ser do bem, do bom lado do compasso moral, mas todos os seres humanos são imperfeitos e acabam sempre por fazer algo que vai mais de acordo com os sete pecados, essa parte é a que não se fala, é a parte que escondemos de nós próprios, mas principalmente dos outros.

Nietzsche criticou a moralidade católica, ele acreditava que ao obedecer a esta moralidade que é "Aceita" na sociedade, o indivíduo está a satisfazer uma necessidade de pertencer e entende o que é bom e mau para um todo, mas também o é para si mesmo, ou seja, esta é a sua moralidade porque é a moralidade aceita por todos, e por isso também deveria ser a sua, "*Morality is the best way of leading people around by the nose!*" – Nietzsche, F. "The Anti-Christ, Ecce Homo, Twilight of the Idols and other writings" (p.41,2005)

Esta moralidade tem um propósito bastante claro transmite aos indivíduos a convicção que a sua fraqueza não é por sua culpa e ao invés disso é uma força. "A fé cristã é, desde seus primórdios, sacrifício, sacrifício de toda liberdade, de toda independência do espírito; ao mesmo tempo, escravização e escárnio de si mesmo, mutilação de si. – Nietzsche, F. "Além do bem e do Mal" (p58. 2012)

"(...) uma interpretação cristã-moral "em honra a Deus" e pela saúde da alma" às mais comuns ocorrências pessoais — aquela tirania, aquele arbítrio, aquela estupidez rigorosa e grandiosa educaram o espírito, à escravidão, segundo parece, tanto aos intelectos grosseiros quanto aos mais delicados serve necessariamente como meio de disciplina espiritual. - Nietzsche, F. "Além do bem e do Mal" (p102. 2012)

Semelhante a Nietzsche o Padre Tolentino, partilha que detesta moralismos "experiência do mal é algo que nos atravessa de forma comum e embora tentemos ser benevolentes para com o mundo de ter a capacidade de fazer os melhores gestos pelo outro, mas muitas vezes somos, os mesquinhos os banais egoístas ressentidos, e não tomamos consciência disso (...) ou seja sem nos auto criticar

nunca seremos capazes de saber quem realmente somos e de nos contruir de forma a transformar e a melhorar esse especto”, (...) “é o encontro com o mal que nos habita que é absolutamente necessário para tomarmos consciência de nós, senão somos uma ilusão. Lidamos connosco próprios numa idealização tal que nunca aterramos verdadeiramente na realidade.” – Mendonça, J. 2012 – “No princípio era o desejo de falar”, Jornal Publico. (11\12\2012)

2.4 O problema de uma instituição conservadora

Outro grande problema que esta instituição tem devido ao facto de ser muito conservadora, é por exemplo as evoluções feitas ao nível da aceitação da comunidade LGBTQ+ por parte da sociedade.

Segundo a doutrina católica, o matrimónio é a "união indissolúvel entre um homem e uma mulher", pois apenas esta união pode seguir o plano de Deus, sendo este o de abençoar os casais com a capacidade de trazer uma nova vida ao mundo, por outro lado esta instituição apoia esta comunidade com as "Uniãos Civis", mas a igreja faz uma distinção entre esta "União Civil" e o Matrimónio.

Segundo uma declaração católica o sexo entre homossexuais é "intrinsecamente não ordenado", eles ainda acrescentam que Deus, "não abençoa e não pode abençoar o pecado: Ele abençoa o homem pecador, para que reconheça que é parte de seu plano de amor e se permita ser transformado por ele", ou seja o ato de reconhecimento destes casais em uma união civil é comentado pela própria eclesía como um pecado, mas justifica que Deus também contempla o pecador e é ao seguir o caminho de Deus que estes encontraram o caminho. - Luis F. Card. Ladaria 2021 “Responsum da Congregação para a Doutrina da Fé”. (22\02\21)

É uma tentativa da igreja se aproximar as novas tendências, mas a forma de como é escrito, a forma de como é pronunciado, deixa muito a desejar, é um facto que dois homens ou duas mulheres não conseguem em termos biológicos conceder uma criança, mas existem outras opções para estes casais como a adoção que poderia ser considerada ou até mencionada, isto para os jovens e pessoas desta comunidade que nasceram e cresceram dentro de uma cultura católica, provoca um afastamento, não quero entrar neste debate por assim dizer, apenas quero realçar que esta posição por parte da igreja à partida já deixa de parte um segmento muito vocal da nossa comunidade.

As relações heterossexuais também são impactadas por este conservadorismo, pois o catolicismo opõe-se a utilização de contraceptivos, o Papa Paulo VI, na Encíclica Humanae Vitae, diz o seguinte "é de excluir de igual modo, como o

Magistério da Igreja repetidamente declarou, a esterilização direta, quer perpétua quer temporária, tanto do homem como da mulher. É, ainda, de excluir toda a ação que, em previsão do ato conjugal, durante a sua realização ou também durante o desenvolvimento das suas consequências naturais, proponha-se, como fim ou como meio, tornar impossível a procriação". Paulo VI "Humanae Vitae, n. 14" (1968).

Ora esta posição ainda hoje se mantém firme, tudo o que impeça a naturalidade da procriação e o milagre, dom de conceder uma vida é em termos gerais muito protegido por parte desta instituição.

Mas existem tantos fatores impossíveis de enumerar que, podem levar um casal a se querer proteger de ter um filho, fatores monetários, profissionais, a propagação do HIV, o próprio ambiente e no caso da adolescência, um bocado de falta de noção, já para não falar que a relação sexual entre duas pessoas não tem necessariamente de ter amor, mas apenas o prazer, e deve caber ao indivíduo de fazer essa distinção e de também conseguir planear a sua vida, de forma a que quando traga um filho ao mundo, que o faça nas condições que este julga ser as melhores.

Mais uma vez quase inconscientemente grande parte dos católicos está em constante pecado segundo a visão do catolicismo, e isto também provoca um afastamento destes da instituição.

Portanto, agarrando nestes três problemas, o conservadorismo da instituição que põe de parte minoridades da população, e condena certas praticas da mesma, o centralismo da instituição que não atribui mais autonomia e poder de voto as várias paróquias, e que ao longo da sua historia esteve na origem de discórdias que originaram uma separação do órgão central, e o desconfronto com a moral do próprio indivíduo em favor de uma moral generalizada, são todos responsáveis, por um afastamento da população desta instituição.

Isto leva estas pessoas a iniciarem uma procura por novas respostas, novas fés e novas espiritualidades, mas ao mesmo tempo ao se privarem de uma resposta para o sentido da vida, ficam em risco de terem uma crise espiritual.

3. A Crise Espiritual dos Tempos Modernos e a Procura por Novas Espiritualidades

3.1 O que é a espiritualidade?

Podemos definir a Espiritualidade como a procura da humanidade em atribuir significado à vida, por meios ou formas que transcendem o que é palpável na nossa realidade, é uma forma de comunicação ou conexão a algo superior e maior que si próprio, e está não necessita de estar intrínseca a uma religião.

O crente busca a paz interior, ou seja, a plenitude através desta relação com este ser superior, e cada doutrina religiosa tem todo um tipo de rituais específicos que são efetuados pelos seus seguidores, de forma a entrarem em comunhão com a tal entidade superior.

É possível, no entanto haver espiritualidade sem acreditar numa entidade superior, no sentido de sermos capazes de olhar para o desconhecido como um mar de possibilidades onde tudo é possível, mas que não precisa de passar por uma explicação religiosa, é uma experiência que vai para além da nossa capacidade de intelectualizar.

A Espiritualidade é de forma muito simples uma característica do Homem como um ser naturalmente religioso, que agrupa nela o comportamento mais natural do ser humano, o de aspirar a ser algo mais.

Atualmente a espiritualidade tem sido estudada no que se refere ao seu potencial como auxílio no que toca a saúde do ser humano, a organização mundial de saúde (OMS) vem considerando cada vez mais o estado espiritual com outras dimensões, como a corporal, a psíquica e a social.

3.2 A Procura por novas Espiritualidades

Relacionando o que escrevi no final do capítulo anterior, a nossa relação de constante procura não se encaixa naquilo que a igreja nos proporciona, mais especificamente no que toca ao seu preconceito para com os 7 pecados capitais, a razão pela qual isto falha, está essencialmente na pergunta, como seres humanos nós buscamos a perfeição, e para que exista uma verdadeira examinação introspetiva do ser humano, este não só tem de ir de encontro com o seu lado bom mas também com o seu lado mau, ou seja passa por admitir que não é um ser

perfeito, e que nem sempre segue os 10 mandamentos à justa e que muitas vezes entra no pecado, e isto tem de acontecer sem que exista pressão de uma instituição espiritual.

O não saber falar deste assunto por parte da nossa religião maioritária, contribui para um afastamento por parte dos jovens, que embora tenham crescido com ela, têm agora um conjunto de perguntas sobre si, que esta simplesmente não está dotada para responder.

Falei no compasso moral que se vai desenvolvendo nos jovens à medida que estes crescem, mas o que os leva a pensar neste compasso é de facto a vida e os obstáculos que nela encontram, vamos dividir os jovens em 3 grupos sendo que cada grupo tem esse nome devido a causas específicas, e que podem nos ajudar a perceber o que leva estes jovens a se afastar do catolicismo, e a procurar as suas próprias respostas.

Os nomes destes grupos foram retirados de uma publicação intitulada de "Going, Going, Gone: The Dynamics of Disaffiliation in Young Catholics", pela Saint Mary's Press, em colaboração com o Centro de Pesquisa Aplicada no Apostolado (Center for Applied Research in the Apostolate – CARA), da Universidade de Georgetown. Vamos primeiro falar do grupo dos jovens "Magoados" que têm más experiências com a própria família ou até com a própria igreja e que muitas vezes leva a um conflito religioso, que os leva a se afastar da mesma, estas experiências podem envolver o divórcio, a doença e a morte. A religião é frequentemente utilizada como fonte de esperança e de apoio para estas circunstâncias, mas também pode ser um período onde os laços com a mesma podem ser cortados.

Os "flutuadores" são os que deixam a igreja gradualmente, porque sentem uma desconexão entre o mundo real que estes experienciam e as regras e rituais desta instituição. Finalmente os "Dissidentes" que têm uma aversão a certos ensinamentos católicos, como o facto da instituição não ser completamente a favor do casamento homossexual, ao uso de contraceptivos e o aborto, ou até mesmo discórdias doutrinárias no que toca ao que acontece após a morte.

O que é de facto comum nestes grupos é a dúvida, ao abandonar a crença institucional religiosa, é como se um mar de possibilidades se abrir-se perante eles, um "mar", que tem imensas perguntas e tão poucas respostas.

Para eles a rejeição da religião é vista como algo que lhes foi passada forçosamente, e sem flexibilidade de fazer perguntas que interessam realmente,

sentem-se estagnados, naquilo que podem acreditar como crentes e então abandonam o catolicismo.

Podemos dizer que estão num estado onde não se querem fechar perante todas as possibilidades que existem para determinar a sua espiritualidade, nem se querem comprometer ao ritualismo eclesial, que ainda permanece nos dias de hoje, os jovens querem soluções modernas, e na falta de resposta institucional são eles a nível individual que se constroem espiritualmente.

Segundo o Padre Tolentino Mendonça existe uma crise no que toca a pertença, ou seja, no fazer parte de algo, segundo ele Portugal culturalmente é um país católico, mas enfatiza que apenas umas minorias são praticantes católicos, ele diz o seguinte sobre isto "Sei que o que tem crescido, é uma crise em relação à pertença; é uma crença que fica por esclarecer, aprofundar. Faltam interlocutores para essa crença. Esse é o grande desafio que hoje se coloca à igreja: a capacidade de dialogar com os crentes que não se reconhecem na pertença eclesial." - Mendonça, J. 2012 – "No princípio era o desejo de falar", Jornal Publico. (11\12\2012).

Para o Padre Tolentino, o ser humano está em construção, o ser humano quer conhecer, ele quer saber, ele defende a ideia de infância espiritual.

"Ou seja, é a construção de um estado antes de grandes forças exteriores nos afetarem e de perceber neste lugar que é aqui onde se podem desenhar caminhos para nos levar a novas descobertas, descobertas estas sobre o ser, ou seja, sobre quem somos, mas também pode ser sobre uma ideia, um projeto de vida ou até uma pessoa." - Mendonça, J. 2012 – "No princípio era o desejo de falar", Jornal Publico. (11\12\2012).

E a partir dessas descobertas deixá-las influenciar as nossas decisões, o que quero dizer com isto é que a infância é o caminho para um recorrente renascimento, e de estar aberto a esses novos conhecimentos tendo em vista a mudança como o objetivo.

Para que haja a necessidade de que o indivíduo desenvolva a sua própria religião, este tem de primeiro fugir da instituição com que este cresceu, mas após isto ter acontecido existe todo um mar de possibilidades para onde, um, se possa virar e seguir, aquele que é o seu próprio caminho espiritual.

Para algumas pessoas isto não acontece, ou seja, existe por parte destes indivíduos uma recusa em sair do sistema que lhes foi a si instaurados, mesmo

sabendo dos problemas do mesmo decidem lá permanecer, por medo ou receio de ficar à deriva e sem rumo.

Não acreditam no catolicismo, mas na falta de um substituto espiritual, acabam por se apegar ao mais básico e mais comuna mente aceite, em busca de um sentimento de pertença e um receio de entrar em estados niilistas.

O homem precisa acreditar que a vida tem significado, um propósito porque ele sofre profundamente sem ter esse tipo de segurança que justifique esse sofrimento. *"Man, the bravest animal and most prone to suffer, does not deny suffering as such: he wills it, he even seeks it out, provided he is shown a meaning for it, a purpose of suffering. The meaninglessness of suffering, not the suffering, was the curse that has so far blanketed mankind, – and the ascetic ideal offered man a meaning! (...) Within it, suffering was interpreted; the enormous emptiness seemed filled; the door was shut on all suicidal nihilism."* – Nietzsche, F. "On the Genealogy of Morals" (p.135 2009)

Com a sua proclamação *"God is dead. God remains dead. And we have killed him."* Nietzsche profetizou a chegada de uma era onde as interpretações do propósito da vida que eram dominantes nessa época, mais predominantemente as crenças em um Deus iriam ser revelados pelo que são, o que para ele seria, meros mitos na história. – Nietzsche, F. "The Gay Science" (p.125 1974)

No séc. XIX Nietzsche já pensava nesta situação, que ao haver um distanciamento da sociedade dos valores espirituais transmitidos pelo catolicismo que muitas poderiam se mostrar perdidas no que toca a encontrar significado para a sua existência.

Nietzsche apronta-nos ao longo das suas obras literárias alguns pensamentos e teorias que podemos examinar e pensar de forma a procurar soluções para esta crise espiritual que a nossa sociedade se encontra.

3.3 A Crise Espiritual dos Tempos Modernos

A sociedade moderna nasceu algures durante a revolução industrial, e como consequência da mesma deu-se o êxodo rural, ou seja, o movimento em que as pessoas que viviam no campo mudaram-se em massa para a cidade à procura de novas oportunidade e emprego.

Este movimento em massa levou à criação de uma sociedade massificada *"when large portions of the population were driven from small towns into big cities in search of work and opportunity – instigating the birth of a mass society."* – The fight with the Shadow. In ADLER G. & HULL R. (Eds.), Collected Works of C.G. Jung, Volume 10: Civilization in Transition (pp. 218 1970)

Embora houvesse imensa demanda por mão de obra, a qualidade na maioria destes trabalhos para a saúde mental do indivíduo era algo questionável, como podemos observar no filme "Tempos Modernos" (1936) de Charlie Chaplin, estes trabalhos tinham em mente comercializar em massa produtos, que depois eram comercializados para as necessidades dessas mesmas massas.

Mas aqui a questão era em criar produtos para as massas, e não produtos para os indivíduos, podemos olhar para o fordismo como a fundação para os problemas espirituais de hoje, por um lado já falei na produção em massa, mas os produtos feitos nessas linhas de produção eram estandardizados de forma a aumentar a produção, ou seja, um produto para satisfazer a necessidade de várias pessoas.

Essas várias pessoas eram expostas a propagandas que de certa forma os manipulava a comprar certo produto, devido a este ser aquele que se encontra na "moda", "O cliente pode ter o carro da cor que quiser, desde que seja preto". – Ford, H. & Crowther, S. "My Life and Work" (p.72 1922).

Embora na altura não se pensava nas consequências desta forma de pensar, podemos dizer que o volume do fordismo de hoje em dia foi elevado a níveis onde a componente humana é nada mais que uma mera estatística num papel, tanto no nosso governo, na educação e na religião há uma tentativa de receitar os mesmos "remédios" para diferentes problemas.

Estamos expostos a um capitalismo que cada vez mais, nos quer ter como presas fáceis, consumidores fiéis e trabalhadores que seguem as regras, pior que isso recusamo-nos a ver além da superfície e ao enfrentar os problemas da vida, apaticamente atiramo-los para o lado, alimentando partes da nossa mente que têm limites para aquilo que consegue aguentar, procuramos erroneamente a perfeição e somos pressionados a conseguir atingi-la.

Olhamos para o outro com inveja, e se este começar a se dispersar da "manada" tentamos puxá-lo para dentro, para que nos sintamos melhor com a nossa vida, pois se eu não sou feliz não deixarei o outro ser.

O paradigma psicológico e espiritual de hoje dia é insustentável e apenas terá como consequência um aumento de políticas extremistas e de indivíduos psicologicamente estragados. *"If things go wrong in the world, this is because something is wrong with the individual"*. - Collected Works of C.G. Jung, Volume 10: Civilization in Transition (p. 230 1970)

Para adicionar ao problema teremos uma sociedade espiritualmente apática e que aceita a sua insignificância perante o mundo e o universo, o que eu proponho é uma ascensão individual espiritual, onde o individualismo terá de ser celebrado, essa seria a única religião capaz de responder aos problemas de hoje, e ajudar os indivíduos na sua procura pelo significado.

Outro grande problema sendo este mais contemporâneo, são as redes sociais e a dependência do ser humano da tecnologia, pois aquilo que Tolentino Mendonça diz ser necessário para o ser humano é o silêncio, pois é a nossa "fenda do mundo", ao transportar connosco um telemóvel ou outro dispositivo, nós nunca conseguimos na nossa plenitude completamente nos desligar do mundo.

Há sempre uma parte de nós no mundo, e temos sempre um pouco do mundo connosco. "Aquilo que partilhamos e dividimos no silêncio tem um valor político importante. Ajuda a construir a cidade tal como a pessoa e os percursos humanos. O silêncio não é um não lugar, é um lugar de civilização" – Mendonça, J. "A arte do Silêncio", Jornal de Letras (JL). Portugal: (11\12\2013).

Grandes Corporações tomam vantagem disto, e há imensas notícias sobre a apropriação de dados que outrora seriam privados, e estes são depois vendidos a empresas de publicidade, nem sempre com o nosso total consentimento, estas empresas transformam o nosso individualismo em uma unidade social, e agora nem mesmo no nosso silêncio nos sentimos inteiros.

Sem a convicção que a vida tem um objetivo ou propósito Nietzsche percebeu que muitos indivíduos iriam cair em desespero sob a suspeita de que somos nada, meros animais sem significado, num universo sem significado, ele suspeitou que essa forma de pensar iria iniciar um estado niilista, que é a crença de que nada tem significado: *"Every belief is a considering-something-true. The most extreme form of nihilism would be the view that every belief, every considering-something-true, is necessarily false because there simply is no true world."* Nietzsche, F. "Will to Power" (p. 14 1968)

Basicamente sem um objetivo, ou um propósito para impor significado no sofrimento de alguém, uma pessoa é deixada com a convicção cheia de desespero,

ou seja, esta sofre sem motivo algum: *"Nihilism appears at that point, not that the displeasure at existence has become greater than before but because one has come to mistrust any "meaning" in suffering, indeed in existence. One interpretation has collapsed; but because it was considered the interpretation it now seems as if there were no meaning at all in existence, as if everything were in vain."* Nietzsche The Will to Power (p.35 1968)

Quando comecei este projeto nunca pensei que o problema espiritual seria afetado por tanto e que causaria tantos problemas sociais, mas a vontade de se afirmar perante mundo terá de ser do indivíduo, não posso propor uma mudança no ensino, ou uma mudança a qualquer instituição, apenas posso sugerir uma mudança individual, mudança essa que terá de ser privada e customizada particularmente pelo próprio indivíduo, tanto Nietzsche como Tolentino Mendonça têm já algumas ideias sobre como ajudar um indivíduo a se afirmar nesta crise espiritual e encontrar a sua individualidade espiritual.

3.4 Propostas de Friedrich Nietzsche e Padre Tolentino Mendonça à superação da crise Espiritual.

3.4.1. Proposta de Friedrich Nietzsche

Para Nietzsche a solução que este apresenta é a procura do indivíduo para chegar ao estado de *Urbemensch* ou "Super-homem", e para o mesmo chegar a este estado, o indivíduo necessita de se reavaliar e de se superar constantemente, *"Is he a promiser? or a fulfiller? A conqueror? Or an inheritor? An autumn? or a plowshare? A physician? Or one who has recovered? Is he a poet? or truthful? A liberator? or a tamer? good? or evil? - I walk among men as among the fragments of the future--that future which I envisage."* Nietzsche, F. Thus Spoke Zarathustra (p. 139 1966)

Para ele essa busca forneceria a habilidade a essa pessoa de se afirmar na vida diante do sofrimento e da tragédia "No cimo de certos cumes mesmo a própria tragédia deixa de parecer trágica." – Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Futuro (2001 p. 42).

Muitas das escritas deste filósofo eram dirigidas a este "Grande Indivíduo" e não para as massas, justificando assim os seus textos *"Well then! These are my only readers, my true readers, my predestined readers: and who cares about the rest of*

them? The rest are just humanity. You need to be far above humanity in strength, in elevation of soul, - in contempt." de certa maneira ele via-se como o professor desta nova raça. – Nietzsche, F. "The AntiChrist, Ecce Homo, Twilight of the Idols and other writings" (p.3 2005)

E o que separa esta nova raça de um ser humano normal é a constituição do interior deste "super-indivíduo", que esta em eterna batalha com os seus instintos, por outras palavras, este novo indivíduo é dotado de uma maior propensão para o caos na alma, e é por isso que este sofre tremendamente, pois está sempre a se auto destruir.

Nietzsche acreditava que o homem superior tinha de impor ordem nesse já mencionado caos interno, e isto basicamente tornou-se no seu objetivo de vida, *"To become master of the chaos one is; to compel one's chaos to become form: to become logical, simple, unambiguous, mathematics, law - that is the grand ambition here."* – Nietzsche, F. "The will to power" (p. 444 1968).

Devido ao facto de este sofrer imenso com o seu caos interno ele considera a possibilidade de que o homem superior fuja da sua missão de vida e ao invés disso que procure os confortos da mediocridade através da conformidade, Nietzsche supôs que dentro de cada indivíduo existe um "instinto de manada", uma necessidade instintiva de obedecer e submeter-se as massas.

Para um Indivíduo chegar ao status de "homem-superior", ou seja, para atingir esta grandiosidade ele deve escapar desta moralidade pré-estabelecida, e renunciá-la em favor do seu próprio "Eu", *"Can you give yourself your own evil and your own good and hang your own will over yourself as a law? Can you be your own judge and avenger of your law? Terrible it is to be alone with the judge and avenger of one's own law."* Nietzsche, F. "Thus Spoke Zarathustra" (p.63 1966)

Para ele de forma a escapar da manada, a solução passava por se separar fisicamente da manada, e viver uma vida em solidão para podermos pensar por nós próprios, sem que os nossos pensamentos sejam tingidos pela sociedade.

Ora esta separação da sociedade vem com os seus problemas, nomeadamente pensamentos niilistas, porque agora separado da manada este, esta livre de procurar na sua vida e de fazer as questões mais profundas da existência humana, perguntas essas que os indivíduos da manada não querem fazer, e estruturam as suas vidas de forma a se cegarem: *"for the objective of all human arrangements is through distracting one's thoughts to cease to be aware of life."* Nietzsche, F. "Untimely Meditations" (p. 154 1997)

O *Urbemensch* se quiser alcançar este estado superior deve de conseguir contemplar perguntas que a manada receia pensar, e para que isto aconteça ele precisa da sua solidão: *"For now he will have to descend into the depths or existence with a string of curious questions on his lips: why do I live? What lesson have I to learn from life? How have I become what I am and why do I suffer from being what I am?"* –Nietzsche, F. "Untimely Meditations" (p. 154 1997)

Para Nietzsche as perguntas "Porque que eu estou vivo?" e "Porque que eu sofro?" são a mesma.

Nietzsche acreditava que não havia um significado objetivo para a vida, e, portanto, o conhecimento objetivo sobre qualquer coisa, incluindo o "significado da vida" é uma impossibilidade.

Ele diz que a interpretação da vida dos grandes pintores e pensadores estão sempre limitados pelo conhecimento pessoal, de ver o mundo a partir das lentes de si mesmo: *"The task of painting the picture of life, however often it may have been set by poets and philosophers, is nevertheless nonsensical: even in the hands of the greatest painter-thinkers only pictures and miniatures from a single life, that is, from their own lives, have been produced - and nothing else is even possible."* - Nietzsche, F. "Human, All Too Human II" (p. 18 2013)

Uma vez que cada pessoa não pode escapar à sua própria interpretação pessoal ou perspectiva de vida, Nietzsche percebeu que uma pessoa deveria de desistir de tentar buscar a verdade, pois: "não há verdade" – Nietzsche, F. *Will to Power* (p14 1968) - e ao invés disso interpretar a existência humana de uma maneira que estimula a vida, este escreve: *"Displeasure thus does not merely not have to result in a diminution of our feeling of power, but in the average case it actually stimulates this feeling of power-the obstacle is the stimulus of this will to power"*. – Nietzsche, F. "Will to Power" (p. 373 1968)

Segundo Nietzsche é assim que o indivíduo devera fugir do niilismo, criando significado em sua vida, ao se dar conta que a pergunta mais profunda que assombra a humanidade é, "Por que que eu sofro?". Ele entendeu a necessidade desesperada de interpretar o sofrimento de uma maneira que seria estimulante à vida, e foi assim através da análise do seu próprio sofrimento que Nietzsche entendeu que: *"Pain is not considered an objection to life: 'If you do not have any more happiness to give me, well then! You still have pain ...'"* - Nietzsche, F. "The Anti-Christ, Ecce Homo, Twilight of the Idols and other writings" (p. 124 2005)

Pelo contrário, ele percebeu que a vida sem sofrimento e dor iria ser uma vida miserável, pois ele acreditava que o sofrimento era um pré-requisito da grandiosidade. “A escola da dor, da grande dor — não sabeis que esta escola permitiu ao homem atingir certas atitudes?” – Nietzsche, F. Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Futuro (2001 p.149).

Sabendo que grande sofrimento traz grande avanço, Nietzsche entendeu que o homem superior estaria com necessidade de um ideal, ou uma visão de perfeição para mantê-lo motivado no seu objetivo de busca pela grandiosidade, mesmo em tempos de grande necessidade e sofrimento, a sua resposta a isto foi, o já mencionado “Super-Homem” ou *Ubermensch*.

No entanto, nesta busca pela Perfeição, surgiram outros problemas, pois nem mesmo a melhor pessoa pode ser “Perfeita”, podem, no entanto, haver momentos perfeitos, e arrebatadores, mas é ainda impossível manter esse estado, e ao sair desse momento de euforia este indivíduo volta a ser o que Nietzsche considera ser, o “humano demasiado humano”.

Neste estado Nietzsche percebeu que aquele que caminha para atingir o estado de “Super-Homem” ia se tornar ciente das suas deficiências e fraquezas e ia se sentir desanimado com o vasto abismo que o separa da perfeição do *Ubermensch*.

Desejando a perfeição inatingível do “Super-Homem”, o homem superior iria começar a odiar o seu ser imperfeito, este auto ódio para Nietzsche é considerado de forma paradoxal a causa para o começo do amor, que o homem superior sente por si mesmo, pois o homem superior iria em breve se dar conta que sem as suas deficiências internas e seu ódio a elas, ele não teria motivação para crescer e se superar, e assim, iria permanecer sempre parado. *“I love the great despisers because they are the great reverses and arrows of longing for the other shore.”* – Nietzsche, F. Thus Spoke Zarathustra (p. 16 1966)

Nietzsche acreditava que apenas alguns indivíduos na nossa história conseguiram chegar ao estado de *Ubermensch*, como o imperador romano Júlio Cesar, o Buddha, ou até mesmo o Napoleão, portanto as pessoas que conseguiram se afirmar perante a vida e construir uma espiritualidade que as verdadeiramente ajudava, são muito poucas e percorrer este caminho significa caminhar numa linha tênue onde o resultado pode não ser o esperado.

Na secção intitulada “Da visão e enigma” (p. 155-160) na obra de Nietzsche, (Assim falou Zarathustra 1966), ele fala de uma história com uma moral espiritual

inerente, que fala nas deficiências do homem superior, serem necessárias para o crescimento.

Nesta parábola temos a personagem do pastor que representa o homem superior, e por outro lado, a cobra negra que representa os medos do homem superior que rastejam no seu ser, nesta história esta cobra, está a sair da sua boca e sufoca o pastor, mas o pastor ao ir de encontro ao que esta cobra representa, ao ganhar força para morder a cabeça da cobra, ele supera o seu grande desespero, e demónios, emergindo para um momento arrebatador como super-homem, ele ri uma risada que significa o seu poder, perfeição e sua completa afirmação na vida *"No longer shepherd, no longer human--one changed, radiant, laughing! Never yet on earth has a human being laughed as he laughed! Oh my brothers, I heard a laughter that was no human laughter; and now a thirst gnaws at me, a longing that never grows still. My longing for this laughter gnaws at me; oh, how do I bear to go on living! And how could I bear to die now! Thus spoke Zarathustra."* Nietzsche, F. "Thus Spoke Zarathustra" (p. 160 1966)

Nietzsche pensava que a completa afirmação da vida era o estado mais alto que um ser humano podia atingir, ele levou adiante 2 conceitos interligados para representar a afirmação da vida: Amor Fati e o Eterno Retorno.

Começo por falar do Amor Fati ou por outras palavras o amor ao destino, segundo Nietzsche o Amor Fati é um momento de grandeza para o ser humano *"My formula for human greatness is amor fati"* – Nietzsche, F. "The Antichrist, Ecce Homo, Twilight of the Idols and other writings" (p. 99 2005).

Amar o destino significa completamente afirmar a vida e é assim, a tarefa mais difícil que há, a dificuldade está no facto de que há muita maldade, dor, sofrimento e tragédia na existência, portanto a questão coloca-se, como é que alguém consegue se afirmar completamente perante a vida na presença de tanto do que é mau?

Referi anteriormente que Nietzsche acreditava que experienciar grande sofrimento e dor é colocar-se no caminho da grandiosidade: *"It is out of the deepest depth that the highest must come to its height."* Nietzsche, F. "Thus Spoke Zarathustra" (p. 154 1966)

O segundo conceito sobre a afirmação da vida é a Eterna Recorrência, é um teste onde um (demónio) psicológico que foi concebido por ele, e que esta presente na sua obra "The Gay science" e tem a forma de uma pergunta *"What, if some day or night a demon were to steal after you into your loneliest loneliness and say to you:*

"This life as you now live it and have lived it, you will have to live once more and innumerable times more; and there will be nothing new in it, but every pain and every joy and every thought and sigh and everything unutterably small or great in your life will have to return to you, in the same succession and sequence--even this spider and this moonlight between the trees, and even this moment and I myself. The eternal hourglass of existence is turned upside down again and again, and you with it, speck of dust!" Would you not throw yourself down and gnash your teeth and curse the demon who spoke thus? Or have you once experienced a tremendous moment when you would have answered him: You are a god and never have I heard anything more divine!" Nietzsche, F. "The Gay Science" (p. 274 1974)

Ao responder corretamente Nietzsche, olha para esse indivíduo com o entendimento de não condenar a vida como um pessimista, apesar do grande sofrimento pelo qual este passou, mas sim o contrário, ele celebra a tragédia como uma alegre pessoa que só diz sim.

Conforme se aproxima da morte, o homem superior não deseja a paz da não existência, mas ao invés disso deseja que o eterno retorno seja verdadeiro, assim, ele poderia repetir a batalha da vida repetidamente até a eternidade, Nietzsche transmitiu isso dizendo: *"Was that life? Well then! Once more!"* – Nietzsche, F. "Thus Spoke Zarathustra" (p. 157 1966)

3.4.2. Proposta do Padre Tolentino Mendonça

Segundo ele, o homem terá de passar por alguns obstáculos, um deles seria a tentação de viver exilado, pois este pode ser considerado como o lugar de apaziguamento e de distração, de forma a lidar com as exigências que nem sempre nos mostramos disponíveis para responder, é na atenção ao que nós fazemos que de acordo com ele "nos faz habitar o presente". - Mendonça, J. 2012 – "No princípio era o desejo de falar", Jornal Publico. (11\12\2012).

Não quer este dizer que ele é contra o silêncio ou o espaço privado de cada um pois para ele esta "atenção" necessita de ser escrutinosa: "Se não estou atento, não vejo.": Mendonça, J. 2012 – "No princípio era o desejo de falar", Jornal Publico. (11\12\2012). Ou seja, é necessário adquirir ideias e perceber dessas ideias quais as que são falsas e não as acolher, temos que saber abrir o nosso coração ao mundo.

É preciso reconhecer esse mundo e abrir-lhe a porta, e para que isto aconteça, segundo ele, temos que nos lembrar que Deus nos visita no mais pequeno, este pensamento também é partilhado pelo Budismo, e na tese que este fez sobre os

Versículos misteriosos de Lucas, ele fala sobre a importância das palavras e de estas serem multifacetadas, e é segundo o mesmo, “no esforço da interpretação e na derrota do interprete perante o texto que gera em nós fome, fome de querer sempre mais, de desejar o mais possível: somos uma maquina de contruir desejos” - Mendonça, J. 2012 – “No principio era o desejo de falar”, Jornal Publico. (11\12\2012).

Ou seja, para ele temos que entender a vida como um lugar, e usar esse lugar, essa oportunidade, para termos a maior fome e sede possível.

Temos de olhar a vida como um processo, processo esse que nos tem de fazer aperceber da nossa imperfeição, segundo Tolentino “nós não temos que ser perfeitos temos de ser inteiramente nós”, podemos dizer que para Tolentino o “perfeito” existe quando: “quem não tem pés e não desiste de andar” - Mendonça, J. 2012 – “No princípio era o desejo de falar”, Jornal Publico. (11\12\2012). Ou seja, mesmo contra tudo e todos decidimos seguir em frente não desistindo essencialmente de nós próprios, temos de não nos deixar submergir pela vida.

Ajuda por vezes falar sozinho, na expectativa que mesmo no imaginário exista outro a nos ouvir e que nos escuta, mesmo que isso pareça um princípio de loucura segundo, Tolentino “Deus ama-nos como somos. Sermos nós próprios e percebemos o caminho da imperfeição.” - Mendonça, J. 2012 – “No princípio era o desejo de falar”, Jornal Publico. (11\12\2012). Ou seja, se nos ajuda a lidar com o dia a dia, não nos devemos sentir mal em perseguir tal via de apaziguamento, mesmo que aos olhos da sociedade isto nos deixe mal vistos.

Segundo Tolentino temos que aprender a ver a vida no presente, e não nos deixar afogar pelo futuro ou pelo passado, temos de observar os pequenos detalhes.

Quando este estava de Luto pela morte do seu Pai e estava no cemitério, ao seu lado sentaram-se dois gatos, para ele isto não quer dizer nada, mas é neste momento que temos uma decisão, deixar-nos ficar em baixo pelo luto ou admirar que mesmo nos momentos mais tristes existe algo doce em continuar a viver: “Não quer dizer nada. Quer dizer a doçura da vida, mesmo no meio do luto, os sinais do presente, a narrativa da existência, continuam. Em pequeninas medidas, quando a gente sente que a vida se vem sentar ao nosso lado, mansamente, estamos a renascer. Que o processo do luto se torna um lugar de reaprendizagem, de reenvio para a própria vida.” – Mendonça, J. 2012 – “No princípio era o desejo de falar”, Jornal Publico. (11\12\2012).

Para Tolentino o constante renascimento do homem resume-se em este conseguir interpretar um simples grão de arroz na grandeza que é a vida, e em saber habitar uma pergunta e no valor que essa procura tem para o ser humano, portanto ambos estes autores sugerem soluções ao nível individual para resolver o problema de massas, Nietzsche e a autoaprendizagem e superação através do Amor-Fati e a Recorrência Eterna e Tolentino, pegando não nesses termos, nos remete para a necessidade de constante procura, dando-nos uma pista de um possível começo, sendo este o de observar a grandeza que existe nos pequenos detalhes.

Segundo o Padre Tolentino Mendonça, a cultura é e deve ser vista como um recurso essencial: “para a construção da paz, e é precisamente nos momentos de escassez e crise, seja ela de identidade ou de sentido, como é a que o nosso mundo, hoje, em grande medida vive, que a cultura deve ser vista como motor e bússola de desenvolvimento”. - Mendonça, J. 2020 “Conferência sobre cooperação, cultura e língua”, na Fundação Calouste Gulbenkian.

4. O Cinema e a Religião

Antes demais, quero falar brevemente sobre a relação entre o Cinema e a Religião, quero falar de como o cinema em geral se apropriou de atributos religiosos na nossa sociedade e ocupou espaços, que as estruturas religiosas não conseguiram ocupar, pois como disse anteriormente, o facto destas instituições religiosas como é o caso de o catolicismo terem ainda uma mentalidade muito tradicional, acabam por fechar-se aos modernismos da nossa sociedade.

Isto começou com a secularização da igreja no séc. XVI, e a partir do momento em que surgem novos agentes sociais, como é o caso do cinema, que conseguiu se apropriar do contexto do presente, ou seja do atual e inspirando-se de certo modo nos misticismos de por exemplo o cristianismo, conseguem transmitir à sociedade de forma mais atual ideias dessa vertente religiosa.

Posso dar um exemplo de uma situação mais resguardada e simbólica, refiro-me ao episódio I dos filmes da série de Star Wars (1999), onde a mãe da personagem de Anakin Skywalker diz que, deu à luz sem ter um pai, semelhante a história de como a virgem Maria teve o seu bebé (filho de deus), sendo a única diferença a presença do anjo Gabriel que a teria advertido para tal acontecimento.

Posso falar também de um outro exemplo, como é o caso do filme Se7en ou Seven (1995) onde os crimes cometidos pelo vilão do filme, apresentam características baseadas nos 7 pecados capitais.

Se olharmos para o passado, as primeiras manifestações dos seres humanos a nível visual no que toca a comunicar com os deuses, deram-se com a reprodução de narrativas visuais em Cavernas, ou no caso da Grécia Antiga em murais, sendo que estas representações pictóricas já mostravam o fascínio de uma imagem revestida por misticidade.

Isto é, o imaginário humano, os sonhos, são aspetos que fundaram a cultura humana e é muito dele visual, por isso o cinema incorpora não só essa habilidade de transformar o sonho em algo mais palpável, mas também de mostrar os feitos destas criaturas que fogem as capacidades físicas de meros seres mortais.

Oferecendo aos crentes uma forma de se aproximar ao seu Deus e aos feitos do mesmo, se por acaso a personagem principal de um filme, for um ator a se passar pelo próprio Jesus Cristo, os espectadores vão automaticamente colocar-se na perspetiva deste e sentir com ele as peripécias que este passou na vida relacionando-se com ele.

E isto acontece porque muitas vezes retratam a personagem principal de uma narrativa como um ser humano normal, com problemas humanos que os espectadores partilham e que as suas ações no filme sejam benévolas para com os outros, e para com o universo, existem exceções, podemos voltar a pegar no caso de Anakin Skywalker, desta vez o próprio que antes de se tornar o mais reconhecido vilão da saga Star Wars já reúne em si algumas características de anti-herói, pois quebra a confiança daqueles que lhe são mais próximos, mas mesmo assim como espectador e porque vemos o mundo na sua perspetiva, percebemos as suas escolhas que o levaram a neste caso optar pelo caminho do mal.

Uso o caso de Star Wars porque esta série tem uma legião de fãs sendo que alguns deles decidiram até fundar uma espécie de religião, o Jediísmo ou jedaísmo, ou seja para estas pessoas, as personagens, os conceitos e os valores que são transmitidos nos filmes continuam com elas muito tempo depois de os créditos finais terem passado, este efeito do cinema de juntar as pessoas e discutir sobre o simbolismo do filme é semelhante ao do próprio cristianismo, até mesmo com prováveis discórdias entre os indivíduos que seguem religiosamente esta *franchise*.

A igreja tentou durante algum tempo, protestar a existência de uma regulamentação dentro da indústria cinematográfica onde defendiam a importância de padronizar certos aspetos da moralidade dos mesmos, e foi a partir deste movimento que incentivou as produtoras de cinema a apostar nos grandes épicos bíblicos e na sua tradução para o cinema.

Filmes como os Dez Mandamentos de (1956) ou Ben Hur em (1959) deixaram a sua marca no cinema, e no caso de histórias mais conhecidas da bíblia como é o caso do Filme Reis dos Reis de (1927) , que fez algo de extrema relevância que foi, quando alguém confessou ao ator H.B Warner que sempre que se recordava de Jesus Cristo não conseguia deixar de imaginar a cara do ator: *"for the image of Christ which he projected was so influential that an American minister is said to have later told Warner: 'I saw you in The King of Kings when I was a child, and now, every time I speak of Jesus, it is your face I see'".* Telford, W. Dr. "Images of Christ in the Cinema Media and Theology Project Public Lectures", (p. 6 1997)

Portanto o cinema não é estranho em se apropriar de histórias bíblicas, e de facto filmes como a "Paixão de Cristo" (2004) de Mel Gibson conseguiram atingir grandes valores de bilheteiras, mas mesmo em Hollywood nota-se uma mudança na adaptação destas histórias, filmes como "Noé" de (2014) ou o "Êxodo: Deuses e Reis" (2014), embora com qualidades questionáveis tentam modernizar estas

narrativas para o público de hoje, mostrando as personagens como humanas e tendo um compasso moral imperfeito.

Podemos dizer que em questões de espiritualidade ajuda-nos imenso viver no mundo criado por outros nem que por um momento, deixar-nos relaxar e ver um filme ou ler um livro, isto faz com que os problemas da personagem por momentos sejam os nossos, vemos por outra perspetiva como resolver certos problemas que podem ser comuns aos que temos.

E isso ajuda-nos não só a pensar e a refletir, mas também em descansar relaxar e esquecer por momentos o stress do dia a dia, estamos de certa forma a procura da verdade, mas são os artistas, os pintores e os escultores os músicos os cineastas que difundem as suas mais recentes descobertas, retratam algo do real ou vão buscar ao passado da humanidade um tema que hoje pode ser interessante de discutir noutra perspetiva.

Graças a uma mudança na forma de ver um tópico que outrora seria tabu, de repente, hoje se torna mais fácil de discutir, olhando para a perspetiva de ambos os lados da moeda, e não só o mais simples e confortável.

Por exemplo, podemos olhar para os filmes pós 2ª grande guerra como o "Alemanha ano 0" (1948) de Roberto Rossellini, em que percebemos que o filme retrata a população alemã como a grande vítima da guerra, enquanto que no filme "A queda" (2004) de Oliver Hirschbiegel, já existe uma certa crítica não só ao regime nazi mas também à população que votou nesse regime, ou seja este segundo filme, naquele tempo seria inadmissível, enquanto que nos dias de hoje podemos já ter uma conversa, um argumento construtivo, sobre o que se passou realmente.

O mesmo podemos dizer que se passa com a religião, nos tempos de Nietzsche fazer um filme que fosse de certa forma por em causa as convicções e ideologias cristãs iria causar escândalo e manifestações, mas olhando para o estado da nossa sociedade que temos hoje em dia especialmente nos mais jovens existe de facto um espaço para um filme que os faça refletir sobre estas questões espirituais e que para a população em geral comece a ver a religião mais como uma ferramenta, para melhorar o espírito e não como algo que se deve seguir religiosamente sem contestar.

O meu filme "Os Habitantes" quer essencialmente mostrar o estado espiritual da sociedade de hoje, de forma a nos apercebemos de que estas mudanças vindouras de questionação da moralidade previamente adquirida a partir da religião, está a

mudar, e o cinema com a sua vasta historia de relação com as religiões é de facto uma maquina de difusão que eu quero apropriar para explicar e difundir estas ideias que adquiri ao investigar Nietzsche e Tolentino Mendonça, de uma forma minha, comecei então por esboçar ideias que gostava de implementar no filme.

5. Pré-Produção do filme “Os Habitantes”

5.1 Inspiração para o tema?

Começo por falar no videogame “Nier: Automata” (2017) de Yoko-Taro, existe um debate sobre, se os videogames são a próxima forma de arte, sucedendo assim ao cinema. Mas existe algo que impede, esta indústria de realmente saltar para esse espectro, pois tanto a pintura, a fotografia e até mesmo o cinema, transmitem-nos sensações únicas e particulares dessas formas de arte.

A unicidade da fotografia é captar o momento, já o cinema usa a passagem rápida de imagens para criar sentidos, por outro lado os videogames mesmo sendo capazes de incorporar todas estas artes, ainda não chegaram ao ponto de estandardizar o seu aspeto único, de forma a destacar-se de outras formas de arte.

Geralmente, quando se fala de videogames como arte, atribuem-se as características de “arte” a por exemplo, os momentos cinemáticos de um jogo onde o jogador não tem controlo, e por isso, o que está realmente a acontecer é que este, está a ver um filme dentro do jogo e por consequência o que é artístico não é o videogame, mas sim o filme dentro deste.

Os videogames têm de apostar no fator que os torna únicos, sendo este a interatividade entre o jogador e o mundo de jogo, ou seja, fazer passar sentimentos e sensações sem retirar o controlo ao jogador.

Nier Automata, distingue-se por ser um dos melhores exemplos da força artística que este meio ainda tem para desenvolver. No início do jogo a personagem principal 2B diz o seguinte *“Everything that lives is designed to end. We are perpetually trapped in a never-ending spiral of life and death. Is this a curse? Or some kind of punishment? I often think about the god who blessed us with this cryptic puzzle...and wonder if we'll ever get the chance to kill him.”*. Este é um jogo baseado no existencialismo, com as personagens a mostrarem-se cada vez mais afetadas com um mundo sem significado e controlado pelos criadores do jogo.

Num segmento final o jogo coloca-nos numa posição que não conseguimos ultrapassar, por *design* é mesmo impossível passar deste ponto sozinho, sendo necessário a ajuda de outros jogadores, não exatamente de um ser humano a controlar, mas sim de um avatar virtual que representa outro jogador.

Após completar este passo com ajuda, e conseguir ultrapassar o nosso objetivo o jogo coloca-nos na posição em que podemos continuar com o nosso progresso

gravado, ou eliminar todo o nosso progresso de forma a criar o tal avatar que referi a pouco, e dessa forma ajudar outras pessoas que estejam a passar pelo mesmo.

A ideia é sacrificar tudo o que nós conseguimos alcançar de forma a ajudar alguém que nunca vamos conhecer, que nunca saberemos se é uma pessoa má ou boa. Isto é um ato de benevolência que até a este ponto nunca tinha experienciado nos meus momentos de repouso.

Ao eliminar todos os meus *saves*, sem receber qualquer recompensa por isso, fiquei espiritualmente agradado, por ter cumprido aquilo que pareceu-me ser uma boa ação, ficando a saber apenas, que algures no planeta alguém que estava preso neste ponto do jogo recebeu a minha ajuda e conseguiu ultrapassar o objetivo.

Este conceito é algo que apenas é possível neste meio, pois utiliza a interatividade para transmitir sensações novas. Foi assim, que fiquei interessado em saber mais sobre Yoko-Taro e a sua inspiração para o jogo, sendo este o Friedrich Nietzsche. A ideia com este final, na minha opinião, era ficar a pensar que na nossa maior crise existencial e mesmo nos piores dos momentos que atravessamos somos capazes de grandes feitos em feitos muito simples.

5.2 - Como Seria Estruturado o Filme.

Foi assim a passar pelas ideias de Nietzsche que decidi explorar a crise espiritual dos dias de hoje. E mais tarde com o desenvolver da minha pesquisa sobre o tema, e com a colaboração dos meus coordenadores, comecei a investigar mais sobre o Padre Tolentino Mendonça e Karl Jung. Decidi desde muito cedo fazer um documentário e uma vez que este é um problema real não é necessário recorrer ao uso de atores ou de ficção para fazer justiça ao tema, pois este é um problema presente nos dias de hoje. Portanto pensei de imediato recorrer a *talking heads* e intercalar os mesmo com *B-rolls*.

Fazer um documentário no contexto de pandemia, não iria ser fácil, assumi desde o início que seria difícil entrevistar pessoas fora do meu círculo social, no entanto também queria ao máximo não enviesar estas pessoas a dizer exatamente o que eu queria, e, portanto, desde o início foi importante manter-me aberto a novas ideias e a novas formas de ver o mundo. Isto teve consequências na forma de como decidi organizar as filmagens, a montagem, o filme, e a própria escrita da dissertação.

Falo mais concretamente no facto de ter saltado a pré-produção, ou seja, não ter sido feito qualquer *repérage*, ensaio, ou alguma estrutura pré-definida, desde o

início soube que o filme iria ser encontrado na montagem. Em contrapartida a produção do filme começou de imediato e isto deu-me tempo e espaço para filmar muito antes do que aquilo que seria possível, e antes do primeiro confinamento generalizado de 2021 em Portugal, por outras palavras a partir do momento em que alguém se disponibiliza e aceita ser filmado, eu fui filmar.

O problema aqui surge exatamente naquilo que conecta estas personagens, pois na minha procura, por informação utilizando este método resultou em entrevistas objetivas, informativas mas não emocionais, e rapidamente fui obrigado a procurar soluções, destaco o papel de Terrence Malick e na forma de como este em dois dos filmes que vi, “A árvore da Vida” (2011) e “Cavaleiro de Copas” (2015), não é utilizada uma estrutura narrativa tradicional, em vez disso focam-se em exprimir-se através das imagens.

Os respetivos temas destes filmes, resumidamente são, no caso da “Árvore da Vida”, a ideia da vida e da morte e do que esta para vir depois de eventualmente cruzarmos essa barreira, e no caso do “Cavaleiro de Copas” a ambiguidade da moralidade do espírito do protagonista ao ser confrontado com vários momentos de instabilidade na sua vida, o que o faz questionar sobre ele e a sua perspetiva do mundo.

Portanto, a estrutura do filme passou de não só utilizar *talking heads* com *B-roll*, mas também alguns elementos de ficção e momentos de pausa, reflexão e introspeção, através de imagens simbólicas ou sugestivas ao tema para separar as entrevistas.

De forma a superar a distância provocada pelo 1º confinamento, e semelhante ao que se costuma fazer nas dissertações, falo mais especificamente quando os alunos pedem e enviam questionários às pessoas para depois fazerem um levantamento desse estudo de forma a obterem resultados e falarem sobre os mesmos, decidi fazer algo semelhante, mas em formato de vídeo.

Ou seja, pedi a pessoas próximas que utilizassem os seus telemóveis ou outros aparelhos que possuísem uma câmara e se filmassem a si próprios a lançar questões ao seu “Deus”. Foi sem dúvida uma estratégia experimental, e de certa forma vi isto como ir de encontro ao final do “Nier: Automata” pois se não é possível sozinho, então juntos e conectados conseguiremos ultrapassar o desafio.

5.3 - Porque que o Filme se Chama “Os Habitantes”?

De forma a facilitar a alimentação da nossa chama, deveremos entrar num caminho que beneficia a nossa habilidade de colocar perguntas, perguntas a outros, perguntas a nós próprios, e saber habitar nessa pergunta, pois muitas vezes esta não tem resposta. Dizem que a esperança é a ultima a morrer, eu diria que é o constante pensamento em todas as questões que nos aguardam na nossa vida que nos mantêm atentos, temos de olhar para a vida como um livro, onde a próxima página nos pode trazer algo excitante e que nem somos capazes de imaginar, pode até ser um obstáculo, mas com ansiedade de o resolver e ao saber aquilo que vamos aprender e adquirir ao ultrapassá-lo, que nos vai fazer sentir vivos.

Perguntas sem resposta são a nossa maior questão existencial, mas é também a dor que nos mantém vivos, sentiremos a falta da mesma, deveremos olhar para esta como um sinal de objetivo cumprido, pois agora podemos utilizar a dor para alimentar o nosso motor de busca.

É também importante numa situação que seja “Má” não pintar por cima um arco-íris e fingir que nada se passa, ou seja, não quero transmitir a sensação de que é sempre necessário se contentar com a nossa situação atual, não quero que pensem que se estamos a sofrer, não é com autoflagelação e um pouco de síndrome de Estocolmo que o problema desaparece, muito pelo contrário, o que eu quero é um balanço.

O que eu quero é que ao examinarmos os nossos objetivos que tenhamos mais em mente a nossa estabilidade espiritual e enfrentar esses desafios de forma plena e inteira, tendo em conta que o mais, as vezes esta no menos, mas que mesmo assim temos que lutar contra as adversidades para melhorarmos enquanto indivíduos, reitero que precisamos de criar em nós um desejo que não se apague por perguntas e respostas em todos os aspetos da nossa vida.

É o aprender a habitar uma pergunta, e é por isso que o filme se chama “*Os Habitantes*”.

Como referi anteriormente, não coloquei muito tempo numa pré-produção, portanto tudo o que escrevi nesta parte foi utilizado como rampa de lançamento para a produção e foi aí onde coloquei a maior parte do tempo a desenvolver. Ao contrário de outros filmes que tinham dias determinados para filmar, no meu caso durante meses estive sempre aberto e disponível para que nos dias seguintes conseguisse filmar alguém, mesmo já tendo conteúdo suficiente.

6. Processo de Produção do Filme “Os Habitantes”

6.1 Memória Descritiva das Entrevistas.

6.1.1. Ana Bela e Susana Brasão

No dia 20 de Outubro decidi começar as minhas gravações para o projeto, com o objetivo de tentar perceber o método com o qual seria melhor eu aproximar as entrevistas, como por exemplo, que tipo de perguntas iria utilizar de forma a obter a informação que quero e que eu acho ser mais relevante.

A primeira pessoa que eu entrevistei foi uma senhora chamada Anabela com mais de 60 anos e muito religiosa, ela disse-me que não era praticante, mas a sua crença por deus não era afetada por isso.

Ela estava muito nervosa, às vezes comportava-se como uma atriz, como se estivesse a ser uma pessoa que não era, o que resultou numa captura de informação insuficiente, ou não de acordo com o que eu esperava, estava a ser muito defensiva e a pessoa que queria fazer transparecer não fez a transição para o filme.

Tentei várias perguntas, pois queria tentar fazer essa pessoa falar de algo que a deixasse mais à vontade para falar sobre religião, mas sem grande sucesso, pedi que trouxesse uns terços, e que me mostrasse como é que ela os utilizava para rezar ou como é que ela os encontrou, mas não me respondeu diretamente à pergunta ou quando o fez foi de forma objetiva, sem grandes desenvolvimentos.

Por fim, resolvi recorrer a elogios para ver se a pessoa ficava mais à vontade, mas tal não aconteceu, então, resolvi acabar a entrevista oficialmente, mas secretamente deixei a câmara a filmar enquanto falava com a senhora de forma mais descontraída, embora tenha sido curta porque estava a ficar sem tempo visto só ter 30 minutos para filmar, acabei por conseguir extrair algo sincero, embora mais uma vez nada que tivesse sido demasiado relevante para o tema.

Na 2ª entrevista eu preparei outro conjunto de perguntas, visto que a pessoa em questão era mais culta e de forma a fazer com que essa pessoa ficasse mais à vontade, comecei a gravar uma cena onde ela mostra-me um conjunto de fotos, e vai explicando quem é, e em que contexto a foto foi tirada. Foi um exercício simples e que teve sucesso em deixar a pessoa mais confiante que aquilo que estava a fazer estava correto.

A pessoa em questão chama-se Susana Silva, a entrevista correu bem, embora o nível de iso na câmara estivesse um pouco alto e a temperatura de cor estivesse um pouco alaranjada, teria sido melhor filmar com a luz do dia.

Mas a nível de conteúdo foi possível extrair algo com mais significado ao ponto da pessoa em questão se emocionar.

Embora grande parte da entrevista tenha tocado em problemas que não pretendo abordar, desta entrevista consegui identificar alguns pensamentos que já suspeitava, neste caso o uso da religião como compasso moral, mas também fiquei surpreendido, com a resposta final a uma das perguntas, que seria o de repetir a vida de novo sabendo todo o mal e todo bem que daí veio, um problema que acho que Nietzsche não teria se apercebido, as pessoas religiosas ao serem religiosas chegam ao mesmo ponto que este tanto quis chegar, o da recorrência eterna.

6.1.2. João Fernandes e Francisco Fernandes

Como planeado, depois da entrevista a pessoas mais velhas da minha família, decidi expandir a pesquisa para os meus amigos mais jovens e ver como é que estes se adaptavam ao tema.

Para além das entrevistas, tentei gravar alguns planos que poderei usar como *B-roll*, usando a contraluz como um espelho para o sentimento de procura de rumo que os jovens podem estar a sentir e também gravei alguns *close-ups*.

Como me foi indicado pelo meu coordenador ao contrário das entrevistas anteriores, tentei tomar mais atenção ao background destas personagens como forma de contar uma história recorrendo apenas ao elo visual.

Neste caso são 2 estudantes que dividem um prédio em Lisboa, e que tem gostos diferentes, algo que tentei captar com alguns planos.

Um gosta mais de motas desportivas e estava no meio de um exame final de sociologia, enquanto o outro tinha acabado o curso de medicina e tem um gosto por leitura e videojogos.

Um deles tinha muita confiança comigo e tentava me ajudar com algumas questões e por alguma razão às vezes começávamos a rir na entrevista pelo menos numa fase inicial. O João foi sempre mais interrogativo questionando a autoridade de forma a perceber onde é que eu estou a tentar levá-lo, é um bocado mais difícil de manipular de forma a que as respostas sejam o mais sinceras possíveis.

Mas no final fiquei com essa impressão geral, é alguém que questiona interroga e que mantém uma mente muito mais aberta, e a partir do momento em que me apercebi disso, decidi ser menos restritivo com ele. “O ser humano habita na pergunta” um tema do meu projeto e esta sua personalidade mostrou-se exemplar.

Também no contexto da entrevista anterior, mostrou que os mais jovens mais depressa vivem nos pés de pessoas religiosas do que o contrário.

No que toca ao Francisco, ele mostrou-se mais sério e pareceu-me mais superficial ao início, tentei depois da apresentação falar de motos e perguntei se ele tinha algum objeto que poderia usar para exemplificar essa paixão que ele tinha, ao que ele se lembrou de ter uma foto do avô com ele em cima de uma moto, sendo ele ainda criança.

Depois disso comecei de imediato com as perguntas e ele respondeu de forma honesta e sincera sem muitos complexos, pareceu-me uma visão do mundo mais simples, mas ao mesmo tempo mais madura em certos aspetos.

No entanto, pareceu-me que antes da entrevista ele tentou fazer uma preparação sobre aquilo que falar. Embora as minhas perguntas tenham obtido bons resultados, perto da última, notei que ele decidiu descarrilar, e falar sobre o que ele tinha planeado falar, achei uma mais-valia, e deixei a câmara a gravar.

A reação dele às perguntas manifesta quase como um objetivo de onde ele tem de chegar, mas não necessariamente um que este tenha alcançado.

No geral senti que a nível temático as minhas perguntas e as respostas estão a obter resultados esperados e interessantes. Mas em geral falta-me algo que emocione e que eleve a experiência, que seja o momento alto, e chegar a ele parece-me um novo desafio.

6.1.3 Entrevista a José Cabeda

Já em Maio, enviei e-mail para varias paróquias no Porto, com o objetivo de fazer uma entrevista final, e de filmar o interior das igrejas com a intenção de ter *B-roll* suficiente para sustentar esta entrevista a nível da dinâmica.

A Paróquia da Areosa gentilmente, respondeu-me e mostrou-se disponível em ajudar naquilo que pode, falei com Miguel Araújo que mostrou-me o interior da instituição e falou-me um pouco sobre os objetivos da mesma.

Ele permitiu-me o acesso às imagens de arquivo que estes têm no seu canal de youtube, caso precisa-se delas, e deu-me o contacto de José Cabeda um professor universitário que é voluntário nesta paróquia.

Embora a ideia original seria entrevistar o padre, achei que seria mais interessante ouvir a opinião de alguém que embora represente e defenda o catolicismo, que o fizesse de uma forma a que também conseguiu-se colocar problemas e desafios ao mesmo.

Portanto contactei-o, e por e-mail de uma forma geral tentei explicar que tipo de perguntas iria fazer e assegurar que as imagens captadas só seriam mostradas com a autorização do mesmo.

Fizemos um primeiro contacto por telemóvel onde combinamos as datas, o horário e o local da entrevista, que ficaram definidos para a segunda semana de Junho, e o local, achei mais seguro fazer a entrevista à distância utilizando a plataforma zoom.

Fazer entrevista de uma forma cinemática e interessante à distância, tem os seus desafios, nomeadamente a qualidade de imagem e de som, achei necessário então, não esconder o facto de que se tratou de uma entrevista deste tipo.

Dai que optei por fazer um plano do computador durante a entrevista, mostrando assim como ela se tinha realizado, para complementar este plano gravei também o ecrã do computador com a ferramenta de gravação de vídeo e áudio disponível no zoom.

Embora a resolução e os artefactos de compressão fossem problemas a nível de imagem, nos dias de hoje eles são fruto de uma realidade pandémica e tornaram-se parte da linguagem imagética de alguns programas de televisão, especialmente os *talk shows*.

Ao não esconder esse facto e tendo um plano com o computador durante a entrevista, o filme ganhou um aspeto de cinema *Verité*, embora só o utilize uma vez no início da entrevista, isto permitiu-me a nível de linguagem cinemática de transmitir aos espectadores, como é que a entrevista foi feita e como se distingue das outras que foram filmadas de uma forma mais tradicional.

Utilizei como *inserts*, algumas imagens de arquivo autorizadas pela Paróquia da Areosa, embora estes planos não tenham sido feitos por mim, achei que o tipo de câmara e a posição da câmara mostra esta paróquia de uma forma que eu não conseguiria, sem interromper ou desrespeitar a cerimónia.

Estes planos de arquivo, vão buscar um pouco à ideia de “*fly on the wall*” e têm por isso um registo mais observativo, que podemos comparar a câmeras de vigilância, e que no geral atribui mais diversidade no que toca à escala e ao ângulo dos planos no filme.

A nível de conteúdo a entrevista deu-me imensa informação que foi de encontro a alguns dos temas levantados durante o trabalho escrito, nomeadamente quando este falou-me de que as fórmulas de reza da igreja, são apenas isso, uma forma de rezar, mas não a única, e que é essencial cada pessoa pensar por si e utilizar a sua própria forma de comunicação espiritual seja ela qual for.

6.1.4 Filmagens Abstratas

De forma a juntar as entrevistas que fiz neste projeto, o meu coordenador deu-me a ideia de fazer vários planos que deixassem os espectadores respirar dos *talking heads*, de forma a dinamizar o filme, mas também de haver cenas que façam transições entre as entrevistas dando uma melhor compreensão do tempo do filme a passar.

A ideia, para além disto, é fazer planos que são mais ambíguos e não tão descritivos, de forma a dar tempo para o espectador pensar no que foi dito, enquanto tenta associar esse pensamento ao plano que esta a ser mostrado.

No 28 de Janeiro de 2021 pedi a um amigo meu que fosse uma personagem silenciosa no meu filme e tendo em conta as limitações do novo confinamento tentamos ir para sítios perto da residência dele, onde por sorte tinha uma série de sítios mais abandonados e descampados.

Filmei-o primeiro de costas, planos com a câmara à mão, mas sem mexer a câmara, e em vez disso pedia a este para entrar em cena e sair, ou seja, a personagem é que se mexia e não a câmara.

No 1º plano gravei a sua silhueta em contraluz numa garagem, o plano começa em total escuridão, mas à medida que o portão desta garagem abre conseguimos ver mais do que esta fora da garagem, ao sair do plano um carro parece passar e parar um pouco antes da entrada da garagem, embora não tenha sido planeado, e tendo em conta o estilo de montagem soviético do Eisenstein posso utilizar um plano de dentro de um carro para parecer que esta personagem entrou nesse carro.

No descampado tomei proveito das condições atmosféricas mais especificamente do nevoeiro para fazer os planos nesse sítio mais especiais, pedi-lhe que fumasse um cigarro e que ficasse parado a olhar para umas árvores, deixei a câmara inferior a ele enquanto este ficava de costas, de forma a parecer que embora ele fosse maior que os espectadores, o desafio (ou seja as árvores) que este tinha pela frente eram ainda maiores.

Mais a frente gravei um cão a ladrar para nós, este estava a uma grande distancia daí a imagem poder ter ficado um pouco tremida, nesse mesmo plano mexi a câmara de forma a só olhar para o nevoeiro a um branco infinito de forma a mais uma vez ser ambíguo, mas no que toca ao meu projeto, o branco e o nevoeiro podem significar o mistério

Infelizmente estas filmagens aleatórias foram perdidas devido ao meu hard-drive que deixou de funcionar, felizmente as entrevistas anteriores tinham um back-up no meu computador e assim consegui as recuperar.

6.1.5 Filmagens em Viana do Castelo.

No Norte do país, em Viana do Castelo, ao chegar perto do mês de Maio e como forma de a população se proteger das "forças do mal" ou das "bruxas" como os locais dizem, de porta em porta os habitantes, colocam nas suas casas flores, conhecidas como "Maio" ou "Maia" de cor amarelada, que nascem no monte durante este período de primavera, a superstição, foi algo que também achei interessante de explorar neste conjunto de filmagens.

Infelizmente, durante as gravações apareceu na minha lente alguma poeira ou lixo no interior ofuscando uma parte da imagem, foram ainda efetuadas algumas filmagens como a subida ao monte para recolher um ramo de Maio mas daqui em diante e sem outra alternativa decidi filmar com o meu telemóvel, como eu ao longo deste projeto utilizava o telefone como microfone, decidi cancelar a entrevista com dois dos habitantes, por achar que não estaria a fazer justiça à qualidade que pretendia.

De forma a compensar a perda das filmagens aleatórias, tentei durante este fim de semana de filmagens, ir a sítios interessantes e que me permitissem fazer planos distintos, numa vertente mais poética.

Interessei-me muito por um velho farol sonoro, que tinha uma forma monolítica e que me fez lembrar muito do monólito do final do, 2001 Space Odyssey (1968) do Kubrick, para além disso a superfície metálica da porta do mesmo, refletia o

ambiente de uma forma muito opaca, e era possível filmar mesmo a frente desta entrada sem que a minha reflexão aparecesse.

Fiz alguns contrapicados da estrutura, filmei a área à volta da estrutura e tentei mostrar a estrutura sem necessariamente mostrar exatamente o que ela era. Queria mesmo passar a ideia de um objeto alienígena, estranho, diferente e um pouco fora desta realidade.

6.1.6 Coleção e Seleção de Vídeos Amadores

Durante o primeiro confinamento generalizado de 2021, não havendo a possibilidade de entrevistar ou filmar para além da nossa área de residência, tive a ideia de pedir, vídeos a amigos e familiares onde estes ao olhar para a câmara fizessem perguntas relacionadas com o tema desta dissertação.

Nomeadamente o de perguntar, e utilizaria isto para começar o filme, com questões, colocadas e dirigidas à câmara, à audiência por várias pessoas de dentro do contexto católico e espiritual do nosso país.

De forma a fazer isto, escrevi uma mensagem com um número de regras a seguir, de forma a controlar melhor o resultado final, por isso, mesmo não tendo sido eu próprio a filmar, as pessoas que fizeram isso por mim, fizeram-no com alguma direção da minha parte.

Algumas destas regras, em alguns casos não foram respeitadas resultando em vídeos com formatos diferentes, e nos casos em que filmaram no exterior o áudio, também não ficou audível o suficiente, houve também quem utiliza-se t-shirts com logotipos muito visíveis.

Portanto houve problemas, mas consegui obter ainda alguns vídeos desta pequena experiência, os vídeos que eventualmente seleccionei foram aqueles que levaram mais a sério as regras que tinha definido, e cujas perguntas se enquadravam mais no tema do filme.

7 Pós-Produção

No que toca a pós-produção, e tendo em conta que este foi um filme largamente encontrado na edição, foi necessário haver durante a produção, algumas primeiras edições de forma a perceber o que faltava no filme, vou então ao longo deste capítulo descrever como cada versão correu e os passos que se tomaram em versões de edição seguintes de forma a melhorar o filme.

7.1 - 1ª Versão

Começando com a primeira edição, que foi efetuada após a gravação das primeiras entrevistas, a entrevista com Ana Bela Brasão foi a mais curta tendo apenas uma duração entre 5 a 10 minutos, a entrevista com Susana Brasão teve uma duração de 40 minutos e as gravações com João e Francisco Fernandes tiveram uma duração de 30 minutos cada.

Misturando a estas entrevistas disponha de um limitado número de *inserts* que poderia utilizar como *B-roll*, embora nesta primeira versão estas imagens não foram colocadas.

Portanto o que foi feito foi resumir todas as entrevistas, de forma a que cada personagem tivesse à volta de 1 minuto de filme.

Durante esta versão acabei por cortar grande parte dos tópicos que poderiam sair fora daquilo que eu estava a tentar transmitir, ainda assim foi neste momento que surgiu o primeiro grande problema, a entrevista a Francisco Fernandes, não tinha sido gravada e filmada devidamente, o som estava cheio de ruído e a imagem com a mudança do clima ficou sobre-exposta.

Para além deste problema, achei que mesmo resumidas, as entrevistas tinham todas um carácter mais informativo e não muito emocional, mais próprio de um documentário televisivo e não muito de um documentário para cinema.

Foi depois desta primeira versão que foquei-me em gravar planos de conexão entre as entrevistas, bem como planos que poderiam dar alguma pausa aos espectadores entre as entrevistas.

A entrevista feita ao Francisco Fernandes, não podia ser repetida devido a incompatibilidades de horário, por isso o que foi feito, foi tentar melhorar o áudio e cortar a parte da imagem que estaria sobre-exposta.

7.2 - 2ª Versão

Durante a segunda versão, o que foi feito foi implementar a entrevista de Francisco Fernandes com as melhorias feitas no programa de *software* Audacity, para remover o ruído presente no áudio, embora a qualidade tenha melhorado significativamente, o áudio das outras entrevistas continuava a ser muito melhor e mais audível.

Quanto à imagem era impossível cortar as partes sobre expostas totalmente, e por isso não só a nível de qualidade de imagem e áudio esta entrevista não estava a corresponder ao *standards* mínimos que para mim eram necessários para a colocar no filme, a nível de conteúdo infelizmente, acho que se perdeu um depoimento interessante e importante para o tema.

Infelizmente, as minhas gravações no que toca aos planos de conexão entre entrevistas foram perdidos, pois tanto o meu cartão SD e o meu hard drive estragaram-se ao mesmo tempo, ainda tentei resgatar o conteúdo em ambos os discos, mas sem sucesso.

Portanto podemos dizer que o projeto avançou muito pouco devido a estes percalços e dificuldades, decidi me distanciar então do projeto prático e tentei focar-me na parte da investigação.

7.3 - 3ª Versão

Portanto, nesta versão foram introduzidas as entrevistas que eu pedi a várias pessoas, portanto tinha uma série de vídeos com perguntas a Deus de várias personagens, embora não tenha sido eu a filmar, tentei colocá-las no filme como forma de o introduzir.

Nesta fase estas entrevistas tinham aspetos diferentes, uns tinham um aspeto de 16:9 outros 4:3, a qualidade do áudio também flutuava muito entre eles, no entanto, tentei procurar forma de os colocar todos no filme, esta sequência no total tinha 2 minutos, mas percebi que as diferenças entre os vários aspetos e a qualidade do som não criavam a qualidade consistente que procurava.

Foi daqui que surgiu a ideia de colocar o título do filme depois desta introdução ao filme, a entrevista com Ana Bela Brasão também foi colocada antes do aparecimento do título do filme, para não dar a impressão que o filme se trata de apenas aquele tipo de filmagens.

Mas também porque a forma dela falar, de um modo final e conclusivo permite-me de certa forma fechar aquela sequência, e ao mesmo tempo dar-me espaço a nível da interpretação da imagem, para poder cortar para o preto e deixar o *black screen* durar um pouco mais do que o normal, e de seguida mostrar o título do filme e desenvolver esta questão da religião com os depoimentos seguintes.

Durante esta versão ainda utilizava o depoimento de Francisco Fernandes em vez de José Cabeda, mas ao ver o filme do início ao fim, senti ainda mais a componente informativa do filme de uma forma da qual não estava a gostar.

Foi então que tentei fazer alguns planos dentro de casa, de uma forma mais experimental e que não intencionava colocar no filme, apenas queria perceber de uma forma rápida o que poderia acontecer com planos que dessem algum espaço ao espectador para absorver o que foi dito antes de seguir para outro depoimento.

Esta pequena experiência resultou em apenas um plano que continuou no filme até o seu estado final, sendo este o da janela e dos prédios atrás da mesma, para além disto o resultado da experiência provou na minha opinião, uma necessidade urgente de captar imagens que de uma forma poética ou refletiva pudessem criar um sentimento mais ambivalente no filme e que deixasse a informação dos depoimentos respirar.

7.4 - 4ª Versão

Nesta quarta versão foram introduzidos os planos feitos em Viana do Castelo, e onde decidi afastar-me um pouco dos depoimentos e em vez disso abordar de uma forma mais etnográfica, a questão das superstições e mais especificamente as flores de maio.

Ao afastar-me do registo de depoimento, o filme começou a sofrer por não ter uma estrutura definida no que toca ao estilo do registo, pois a variação entre os dois estilos não estava a resultar.

Mesmo assim mantive as falas para esta versão, entretanto devido a ter filmado alguns planos em 4K e a um *frame rate* diferente, tive de os converter para funcionarem corretamente com os restantes planos da *timeline*.

Após ter feito isto, notei que muitos destes planos, não eram de qualidade suficiente, pois estavam muito tremidos, e mesmo com o *software* do premiere para estabilizar o vídeo a qualidade continuava duvidosa, portanto o que foi feito foi editar de uma forma a que se percebesse as seguintes ações apenas através de imagens.

A subida ao monte, a recolha da flor de maio, as flores de maio colocadas à janela, e a representação daquilo que estas afastam sendo neste caso a figura das bruxas.

Estas sequências de imagens faziam também ponte entre a primeira e a segunda ronda de entrevistas, infelizmente com a má qualidade dos planos e talvez com a falta de noção de onde colocar outros que tinha feito, fiquei com muito material que não utilizei para esta versão do filme.

7.5 - 5ª Versão

Podemos dizer que esta quinta versão foi responsável por reduzir a dimensão do filme, pois ao dividir as entrevistas em duas partes com uma componente mais refletiva a meio mostrou-se eficaz, mas ao mesmo tempo a quantidade tempo entre entrevistas pareceu-me ser demasiado, por isso apenas deixei os planos que achei essenciais e cortei alguns que achava que permaneciam no ecrã durante muito tempo.

Por outro lado, os *inserts* e os *B-rolls* foram expandidos ligeiramente, havendo mais planos durante as entrevistas, e aumentei a duração dos mesmos de forma a se poder ler a imagem com mais calma.

A sequência de perguntas iniciais foi reduzida substancialmente, e apenas deixei aquelas que achei mais pertinente e cujo áudio e imagem se mostravam melhores, tentei estandardizar a imagem e por isso tudo o que tinha sido filmado num aspeto de 4:3 foi retirado do filme.

Foi retirada a entrevista de Francisco Fernandes e foi substituída por José Cabeda, sendo que esta entrevista é a mais longa do filme, com quase 2 minutos retirados de uma entrevista com 30 minutos de duração, como *inserts* usei imagens de arquivo que a igreja da Areosa me disponibilizou.

Como final adicionei alguns planos que retirei das minhas filmagens de Viana do Castelo, para dar algum espaço à reflexão do espectador, antes de fechar o filme e passar ao genérico.

7.6 - 6ª Versão (Efeitos Sonoros e Color Grading)

Com o conteúdo e a duração do filme fechadas, passei a perceber em que momentos do filme poderia adicionar alguns efeitos sonoros, de forma a também ir buscar alguns outros significados, ou complementar os que já lá estão.

Recorri ao *website* freesound.org que tem disponível uma grande variedade de sons, que dependendo do autor podem autorizar utilizar nos projetos de forma gratuita.

Os sons retirados deste arquivo, desde que se identifique o autor, não há problema em utilizá-los, estes sons foram de sinos de igreja, de ambiente citadino, e de uma música tocada em órgão.

Já no que toca ao *color grading*, a entrevista de Susana Brasão estava muito alaranjada e por isso tentei reduzir a quantidade de vermelhos, e depois reduzi ligeiramente os verdes, também no plano da cruz no alto do monte, reduzi os brancos, para reduzir a sobre-exposição do sol.

Em geral os planos foram estabilizados usando o *software* do premiere para este devido efeito, e foram adicionados genéricos iniciais e finais.

8 - Resultado e Discussão

Terminei o filme com a vontade de fazer e aprender muito mais sobre o tema, existem muitas formas de fazer um filme sobre religião, mas gostava no futuro de continuar a expandir este projeto, com mais personagens e com o regresso de personagens.

O que eu imaginei no início como um simples filme sobre o espírito e a religião individual neste âmbito documental, resultou naquilo que eu chamo de um início, de um tocar na ferida e deixar a mesma em aberto, para ser refletida pelos espectadores.

Tentei contar a história com múltiplas perspetivas, diferentes idades e diferentes afiliações religiosas, mas também passou por uma viagem de descoberta pessoal à medida que desenvolvia este projeto.

Era possível ter desenvolvido mais este aspeto de viagem espiritual, na verdade este aspeto apenas mostra o quão maleável o cinema pode ser, mesmo com as imagens que tenho agora, eu poderia ter feito algo totalmente diferente, poderia ter optado pela narração, ou então por efeitos visuais e torná-lo mais experimental.

Contudo, desde o início que sabia que aquilo que eu queria era uma representação do estado da religião em Portugal através deste registo mais documental. A religião individual nota-se mais com a utilização de várias personagens, pessoas da mesma família tratam-na de forma diferente, e pessoas separadas por um oceano igualmente manifestam esta diferença de formas impossíveis de prever, esta foi a riqueza que consegui trazer ao filme.

Descobri o quão ténue a linha que separa a ficção e o documentário pode ser, de facto as minhas ligações afetivas com três dos entrevistados tornam o meu filme parcial quanto aquilo que eu vejo naquelas pessoas, que outras podem não ver ou entender, ou seja tornam o meu filme na minha visão.

Por outro lado, posso afirmar que é um filme do género documental porque se refere ao que hoje em dia é atual, e no que amanhã poderá ser histórico e real, porque estas pessoas existem de facto.

Por exemplo, a minha entrevista com José Cabeda, por motivos de segurança foi feita através do Zoom, tive de pensar nos planos que faria e como os faria, mas o resultado daquilo que eu fiz especialmente no que toca a esta entrevista é em si um documento, para as gerações futuras da realidade de produção durante a pandemia COVID-19.

Mas o meu filme não é sobre a pandemia, de facto tentei ao máximo afastar-me deste tópico devido ao constante regurgitamento por parte dos medias e outras fontes, deste tipo de conteúdo, embora não é de todo fugir à realidade, os documentários por natureza acabam sempre por beber desta.

Existe também o perigo de ao nos aproximarmos muito do mundo real, de acabar por fazer algo mais semelhante ao jornalismo televisivo em vez de cinema, durante grande parte do filme senti-me perto ou talvez até mesmo a fazer isso mesmo.

Mas é na introdução das imagens entre as entrevistas e o seu registo mais observacional e talvez mais poético e refletivo, que criava no filme uma sensação de haver narrativas soltas, e que não foram concluídas. É nesta ideia de deixar os espectadores organizarem as peças que me separei do jornalismo puro.

A influência para estes planos de intervalo entre as entrevistas, foram buscar um pouco à ficção de Terrence Malick, "Árvore da Vida" (2011) sobretudo nos planos finais e no da janela, não é que existam planos semelhantes a este filme, é mais na intenção por detrás do mesmo, de olhar para objetos do nosso dia a dia e dar-lhes através da composição do plano uma nova interpretação.

Já a sequência das flores de Maio teve uma inspiração mais etnográfica e talvez mais fictícia e observacional, e com uma intenção mais detalhada no que toca ao sentido que queria dar a essa parte.

Falando do nome do meu filme "*Os Habitantes*", é um filme sobre a pergunta e de a saber habitar, a ideia não é nem nunca foi responder à crise espiritual, mas é saber viver com ela através da reflexão, e de ao mesmo tempo não nos colocar numa posição de aceitar as coisas como são, e de resolver os nossos problemas de uma forma inteiramente nossa, através não só da ciência, mas também do espírito.

De uma forma geral considero que atingi o ponto que queria no tempo que tive para fazer passar esta mensagem, no entanto fico ainda entusiasmado para continuar este projeto no futuro e ver como a minha viagem espiritual pessoal se desenvolve à medida que vou ficando mais velho e maduro e de como isto pode afetar o que me interessa a nível de conteúdo selecionado para fazer parte do filme.

Conclusão

Todos os passos realizados ao longo do trabalho de investigação e do documentário que realizei para a conclusão do meu mestrado, desde a revisão da literatura, à recolha dos depoimentos para as entrevistas, contribuíram para todas estas reflexões e para que os objetivos deste trabalho fossem alcançados.

Assim sendo, a partir da análise aos objetivos definidos no início desta dissertação podemos concluir que é possível, não só fazer um filme sobre religião, sobre crença, individualidade e espiritualidade, como também é possível trazer para o espectador uma ideia geral do estado da fé em Portugal. Mostrando que é possível deixar o espectador a refletir nas convicções e questões deixadas pelas personagens do filme, e por alguns momentos possa também ele pensar na sua própria religião.

Outro aspeto que podemos esclarecer é que a forma para combater o problema espiritual, passa por uma reaproximação ao nosso espírito, e à importância que temos de dar ao mesmo, de uma forma individual.

Aprofundei através do desenvolvimento do projeto prático as minhas competências, não só como realizador, mas também em vários outros assuntos como a operabilidade do *software* de edição premiere, a manuseação de câmeras e de como controlar a luminosidade de forma a obter o plano que quero, e como contornar a pandemia COVID-19, recorrendo ao Zoom e as redes sociais para a obtenção de conteúdo.

Para o futuro tenho interesse em continuar a desenvolver este assunto, não só na leitura de obras de vários autores, como também no desenvolvimento de uma versão mais alargada do filme, com a intenção de um dia mostrá-lo a um público mais alargado.

O filme acaba, por falar do problema de uma educação que não se importa com o lado espiritual, para o futuro deixo em aberto a possibilidade para explorar a forma de como a educação espiritual deve ser feita, e que benefícios isto poderá trazer para os futuros indivíduos, deixo também o alerta, que na nossa sociedade cada vez mais acelerada, de que este problema espiritual precisa de uma solução, se queremos ter uma sociedade saudável em todos os aspetos possíveis.

Bibliografia

Livros

Nietzsche, F. 2005 (1886) - ALÉM DO BEM E DO MAL: PRELÚDIO DE UMA FILOSOFIA DO FUTURO. São Paulo: HEMUS LIVRARIA, DISTRIBUIDORA E EDITORA S.A. Da Universidade de São Paulo

Nietzsche, F. 1978 (1883) - Thus Spoke Zarathustra: A book for All and none. Harmondsworth, Middlesex, England: Penguin Books Ltd

Nietzsche, F. 1974 (1882) "THE GAY SCIENCE: with a prelude in rhymes and an appendix of songs" - Vintage Books Edition, Estados Unidos da America: Random House, inc.

Nietzsche, F. 1968 (1901) "THE WILL TO POWER" - Vintage Books Edition. Nova Iorque: Random House, inc

Nietzsche, F. 2005 (1895, 1908, 1889) "The Anti-Christ, Ecce Homo, Twilight of the Idols and other writings - Cambridge Texts in the History of Philosophy Friedrich Nietzsche. Nova Iorque: Cambridge University Press

Nietzsche, F. 2009 (1887) "On the Genealogy of Morals: A Polemical Tract". Arlington, Virginia: Richer Resources Publications

JUNG, C. (1970). "THE SPIRITUAL PROBLEM OF MODERN MAN". In ADLER G. & HULL R. (Eds.), Collected Works of C.G. Jung, Volume 10: Civilization in Transition. UNITED STATES OF AMERICA: Princeton University Press.

JUNG, C. (1970). "THE FIGHT WITH THE SHADOW". In ADLER G. & HULL R. (Eds.), Collected Works of C.G. Jung, Volume 10: Civilization in Transition. UNITED STATES OF AMERICA: Princeton University Press.

Ford, H. em colaboração com Crowther, S. 1922 "My Life and Work". Nova Iorque: Garden City Co.

Central Office of Church Statistics, 2014 "*Annuario Statisticum Ecclesiae* (ed. trilingue)"

Bullivant, S. (2018) "Os Jovens adultos Europeus e a Religião" Portugal: Centro Bento XVI

Publicações e Jornais

Maria Leonor Nunes 2013 – “A arte do Silêncio”, Jornal de Letras (JL). Portugal: 11\12\2013

Anabela Mota Ribeiro 2012 – “No principio era o desejo de falar”, Jornal Publico. Portugal 11\12\2012

José Tolentino Mendonça, 2020 “Conferência sobre cooperação, cultura e língua”, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa 2020.

João Francisco Gomes, 2018 “42% dos jovens adultos portugueses dizem que não são religiosos”, Observador. Portugal: 21\03\2018

Luis F. Card. Ladaria, 2021 “Responsum da Congregação para a Doutrina da Fé: a um dubium sobre a bênção de uniões de pessoas do mesmo sexo”. Roma (22\02\2021).

Paulo VI “Encíclica Humanae Vitae, n. 14: Vias ilícitas para a regulação dos nascimentos” (25\07\1968).

Dr William Telford “Images of Christ in the Cinema Media and Theology Project Public Lectures” , (1997)

McCarty, R. “Going, Going, Gone: The Dynamics of Disaffiliation in Young Catholics”, pela Saint Mary’s Press, em colaboração com o Centro de Pesquisa Aplicada no Apostolado (Center for Applied Research in the Apostolate – CARA), da Universidade de Georgetown (2003)

ANEXO(S)



Fig 1 – Entrevista a Susana Brás

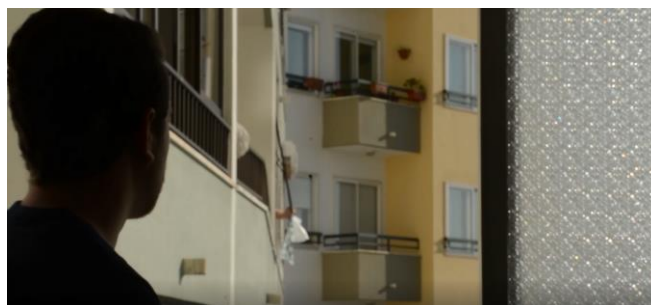


Fig 2 – Entrevista a João Fernandes

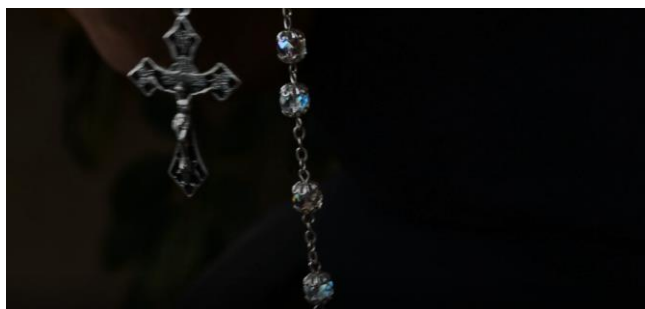


Fig 3 – Entrevista a Ana Brás



Fig 4 – Filmagens em Viana do Castelo

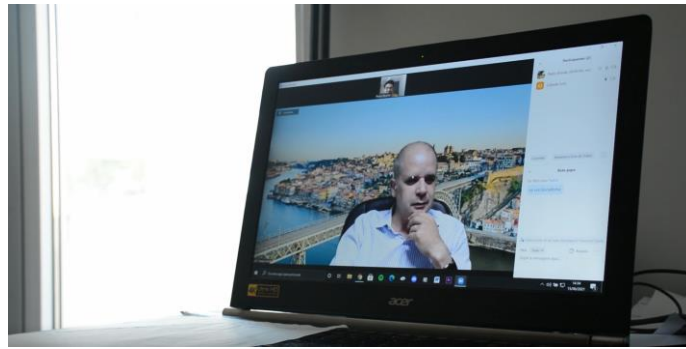


Fig 5 – Entrevista a José Cabeda